

Edi Wilson Heiden

**EL E YHWH:
A CONSTRUÇÃO DO MONOTEÍSMO DE ISRAEL**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel em
Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Armando Rafael
Castro Acquaroli

Florianópolis
2023

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

Heiden, Edi Wilson

EL E YHWH: a construção do monoteísmo de Israel /
Edi Wilson Heiden; Orientador: Armando Rafael Castro
Acquaroli; Florianópolis, SC, 2023. 70 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica
de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Teologia Bíblica 2. Antigo Testamento 3. História
de Israel 4. Arqueologia Bíblica. II. Título.



FACULDADE CATÓLICA DE SANTA CATARINA (FACASC)

Recredenciada pela Portaria Ministerial n. 205, de 03/02/2017 (DOU n. 26,06/02/2017, p.23)

Rua: Deputado Antônio Edu Vieira, 1524 - Caixa Postal nº 5041 - Bairro: Pantanal.88040-245 - Florianópolis (SC) - Brasil - CNPJ nº 82 898 891/0005-33

Edi Wilson Heiden

El e YHWH: a construção do monoteísmo de Israel

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 10 de agosto de 2023.

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Armando Acquaroli

Faculdade Católica de Santa Catarina Orientador(a)

Prof. Dr. Gilson Meurer

Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador(a)

Prof. Celso Loraschi

Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador (a)

Dedico este trabalho a todos aqueles que movidos pelo amor ao conhecimento e à sabedoria irão usufruir dele para purificar e compreender a revelação divina.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, pelo sopro de vida na criação; aos meus pais Antônio Heiden e Olga Schupel Heiden (*in memoriam*) por serem instrumentos de Deus e me gerarem e proverem nos ensinamentos de fé e na educação, bem como, nos cuidados e no amor que sempre tiveram por mim. Aos meus irmãos, Evandro Antônio Heiden (*in memoriam*), Rosângela Maria Heiden (*in memoriam*), Gilson Ricardo Heiden, Edenilson José Heiden e Hendry Wilson Heiden, que nos caminhos da vida, entre concordâncias e discordâncias, sempre caminharam comigo. Aos meus professores, de modo especial, ao Prof. Dr. Padre Armando Rafael Castro Acquaroli, que aceitou o desafio de me orientar neste trabalho. Aos meus amigos e irmãos de caminhada, em especial a Dom Cleocir Bonetti e ao Diácono Ismael Cabral da Luz que sempre estiveram ao meu lado na caminhada formativa. Aos demais parentes, familiares e amigos que sempre estiveram me apoiando e cujos nomes não menciono pelo receio de acabar esquecendo alguém.

Compreendi que tudo o que Deus faz é para sempre.

(Ecl 3,14a)

RESUMO

A história do povo de Israel teve seu início com o chamado de Abraão para sair das terras de Harã. Ao passar pelo reino de Mari, em Ugarit, tem contato com a divindade *El*, deus supremo do Panteão Canaanita, que habita o monte *Tsapanu*. Conhece seus atributos e absorve os traços da revelação para constituir no culto ao Deus patriarcal. Ao passo que há o contato com o reino do Egito, a revelação divina ganha maiores proporções e, com Moisés, a revelação de YHWH como Senhor, Deus-Rei, que reside no sul, no monte Sinai, intensifica a religiosidade, não mais de um clã, mas de um povo. Surgindo assim, a passagem do politeísmo para a monolatria. Todavia, somente após o Exílio Babilônico, com o Segundo Isaías, é que houve uma construção de pensamento organizado para centralizar o culto a um único Deus em Jerusalém, de forma definitiva, passando da monolatria ao monoteísmo.

Palavras-chave: El. YHWH. Politeísmo. Monolatria. Monoteísmo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1Rs – Primeiro Livro de Reis
- 1Sm – Primeiro Livro de Samuel
- 2Cr – Segundo Livro de Crônicas
- 2Rs – Segundo Livro de Reis
- a.C. – Antes de Cristo
- Cf. – Confira
- CAT – The Cuneiform Alphabetic Texts from Ugarit, (Ordem Alfabética dos Textos de Ugarit em Cuneiforme)
- CIC- Catecismo da Igreja Católica
- Dt – Livro do Deuteronômio
- E.A. – Cartas de El Amarna
- Esd – Livro de Esdras
- Ex – Livro do Êxodo
- Ez – Livro de Ezequiel
- Gn – Livro de Gênesis
- Is – Livro de Isaías
- Jó – Livro de Jó
- Js- Livro de Josué
- Jz – Livro de Juízes
- KTU – Keilalphabetischen Texte aus Ugarit (Organização dos Textos de Ugarit)
- Mt – Evangelho Segundo Mateus
- Os – Livro de Oséias
- Sl – Livro dos Salmos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 EL: UM DEUS MISERICORDIOSO COM O CORAÇÃO SÁBIO DE PAI	19
1.1 UGARIT: ORIGEM GEOGRÁFICA DE <i>EL</i>	19
1.2 <i>EL</i> NO PANTEÃO CANAANITA.....	22
1.3 <i>EL</i> : UM DEUS DOS EBLAÍTAS.....	24
1.4 <i>EL</i> COM OS PATRIARCAS DA BÍBLIA.....	26
2 YHWH: UM DEUS REI, FORTE E GUERREIRO	33
2.1 YHWH VINDO DO EGITO?.....	34
2.2 YHWH: UM DEUS ESTRANGEIRO EM CANAÃ.....	38
2.3 YHWH: UM DEUS, UMA LEI.....	41
2.4 SENHOR DOS EXÉRCITOS, DEUS-GUERREIRO E VINGATIVO, DEUS-SOL.....	43
3 DO POLITEÍSMO AO MONOTEÍSMO DE ISRAEL	49
3.1 A CONSTRUÇÃO DO MONOTEÍSMO SEGUNDO O LIVRO DO DEUTERONÔMIO	51
3.2 A MONOLATRIA NA MONARQUIA DE ISRAEL E JUDÁ.....	55
3.3 O MONOTEÍSMO COM O DÊUTERO-ISAÍAS	60
3.4 O CAMINHO PERCORRIDO ENTRE O POLITEÍSMO ATÉ O MONOTEÍSMO: UMA RELEITURA DO PANTEÃO DE ISRAEL...	62
CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS	68

INTRODUÇÃO

A história da humanidade, construída ao longo de séculos, adquire uma visão transcendental quando há tentativas de respostas para questionamentos existenciais e que a mente humana não consegue encontrar. A história do primitivo povo de Israel, tem sua construção religiosa na influência de povos vizinhos, sobretudo, no Panteão Canaanita, ao norte, e da influência cultural egípcia ao sul. Os textos arqueológicos encontrados no norte de Israel em *Tell Ugarit* e *Tell Ebla*, ajudam a compreender a divindade *El*.¹ Do mesmo modo, os textos encontrados ao sul em *Biblos* e Tell el Amarna e a estela de *Merneptá* ajudam a compreender a divindade YHWH.

Esta pesquisa abrange o desenvolvimento nas áreas da Arqueologia Bíblica, História do Povo de Israel e História do Mundo Antigo. Portanto, é uma tentativa de resposta ao seguinte problema: *Levando em consideração os textos bíblicos do Antigo Testamento, depara-se com textos que apresentam várias divindades, estrangeiras ou inseridas no Panteão Canaanita, entre elas, El e YHWH. Qual o caminho trilhado pelo povo de Israel para consolidar o monoteísmo na cultura e religião?*

Tendo estes pontos de relevância, surge a necessidade de conhecer a história de origem destas divindades e a construção do processo de passagem do politeísmo arcaico. Este processo desvela no povo em formação até a instauração da monolatria e a consolidação do monoteísmo que continua vivente até os dias atuais.

No primeiro capítulo deste trabalho, será abordado a história do povo nômade que mais tarde constituirá o povo de Israel. Seguido da apresentação da construção religiosa, cultural e sócio-política. Esse caminho começa com a absorção das revelações divinas associadas às divindades presentes no Panteão Canaanita, mesclado pela absorção de divindades estrangeiras. Fato este, presente nos livros bíblicos do Antigo Testamento, apresentando uma divindade conhecida por *El/Elohim* associada ao deus supremo, sábio e Pai do panteão Canaanita.²

¹ Cf. KELLER, Werner. **Arqueologia Bíblica**: dos patriarcas ao umbral da Terra Prometida. Trad. Maria Julia Braga. Catalunya: Ediciones Folio. 2008. p. 44- 49.

² Cf. MOURA, Rogério L. **A Cidade de Ugarit**: Contribuições para o Estudo da Religião do Antigo Israel. NURES: Publicação Eletrônica do Núcleo de Estudos

No segundo capítulo, com o contato cultural com o Egito, a revelação da divindade YHWH se apresenta com atributos de uma divindade diferente da divindade do Panteão Canaanita. Sendo absorvida na construção social e política do povo Israelita. Como Moisés, sobretudo, a revelação de YHWH acontece, como um Deus-Rei, guerreiro, vingativo e juiz que busca libertar seu povo das mãos do faraó e da escravidão egípcia.³

No terceiro capítulo, será abordado o desenvolvimento gradual da cultura religiosa na história de Israel, passando do politeísmo à monolatria, e desta para o monoteísmo. Um processo que demorou cerca de 800 anos para ser consolidado. Passando, de forma breve, pela contribuição de profetas e reis para chegar a consolidação de um Deus Único e Verdadeiro.⁴

Serão feitas análises de textos bíblicos do Antigo Testamento, comparados com textos de outras civilizações da mesma época. Neste sentido é relevante perceber como os primeiros nômades instalaram na região de Canaã. Além disso, como absorveram o politeísmo Canaanita que tinha como deus supremo, *El*. Tal dado foi seguido de uma inculturação religiosa do deus estrangeiro *YHWH*. Houve, portanto uma assimilação de ambos os deuses na construção da religiosidade do primitivo povo de Israel. Com o tempo, se instaurou a monolatria da qual, por sua vez, é decorrente o monoteísmo Israelita, após o Exílio Babilônico. A relevância desta pesquisa está em consolidar a busca de conhecimento da história de Deus e do Povo de Israel, em diferentes épocas de formação, cultura, sociedade e religiosidade.

Religião e Sociedade da PUC-SP. São Paulo, ano 12 n. 32, p. 01-20, 2016. p. 03. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/28747/20212> acesso em: 20 fev. 2023.

³ Cf. RÖMER, Thomas. **A Origem de Javé: O Deus de Israel e seu nome**. Trad. Margarida Maria Chichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2016. p. 55.

⁴ Cf. DIETRICH, Luiz J.; DA SILVA, Rafael R. **Em busca da Palavra de Deus – uma leitura do Deuteronômio entre contradições, ambiguidades, violências e solidariedades**. São Paulo: Paulus, 2020. p. 71.

1 EL: UM DEUS MISERICORDIOSO COM O CORAÇÃO SÁBIO DE PAI

Ao longo deste capítulo será realizada a abordagem da divindade semítica *El*. As variantes do nome do deus *El* apresentadas em cidades-estado e encontradas nos sítios arqueológicos da região circunvizinha à região norte de Israel auxiliam na construção da religiosidade e da fé de um povo que, há mais de 3.800 anos, teve seu início. O período patriarcal, também conhecido como período seminômade da história de Israel primitivo, trará consigo, ao longo da caminhada dos patriarcas, a influência de cultura e religiosidade de outros povos. Essa miscigenação cultural e religiosa vai alavancar os costumes da educação de fé desse povo que será construído.

O movimento de ocupação das montanhas de Canaã, no entanto, já vinha acontecendo desde o Bronze antigo (3300-2000 *sic*), com períodos mais ou menos intensos de assentamentos, dos quais o último foi o florescimento de Israel Norte.⁵

A jornada desenvolvida dentro de um período histórico, bem como o conhecimento cultural e religioso presente nas culturas e nas cidades-estado que os seminômade percorreram, revelam a forma que a religiosidade desse povo nascente vai percebendo, através das pequenas atitudes e atividades, como o divino se revela ao povo. Essa presença divina vai influenciar na construção do povo, abrangendo aspectos de ordem social, política e cultural.

1.1 UGARIT: ORIGEM GEOGRÁFICA DE *EL*

Tell Ugarit, situada na região marítima do norte mediterrâneo da Síria, um dos principais sítios arqueológicos do Antigo Oriente Próximo. Com seus primeiros resquícios de assentamento datando de 6.500 a.C., a antiga Ugarit, atual *Ras Shamra*, teve importante desenvolvimento no polo educacional e religioso.⁶ Ugarit era uma das principais cidades de

⁵ KAEFER, José A. **A Bíblia, a arqueologia: e a história de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2015. p. 31.

⁶ Cf. MOURA, 2016, p. 03.

Canaã.⁷ “Foi umas das cidades-estado mais importantes do Levante mediterrâneo ao longo do segundo milênio, entre a Idade do Bronze Médio (períodos Amorreu e Protobabilônios) e a Idade do Bronze Final (Períodos Hitita – Mitânico – Hitita)”⁸. Ugarit era uma das principais rotas de encontro e comércio das Idades do Bronze Médio e Final.

O território de Canaã abrangia os seguintes limites: ao Sul com o Egito; ao Leste com o rio Jordão, compreendendo as duas margens; a Oeste com o mar Mediterrâneo; e ao Norte com a Fenícia e a Síria.⁹

Em 1929, as escavações francesas revelaram inúmeras descobertas de escrituras em diversas línguas e culturas, encontradas em *Tell Ugarit*. Antes disso, os estudos eram baseados no que foi encontrado em outros sítios, principalmente *Tell el Amarna*, no Egito.

Em aproximadamente 1900 a.C., Ugarit viveu sua fase de maior importância com o crescimento da presença de tribos de pastores seminômades das estepes Amoritas, se estabelecendo no local.¹⁰ Isso gerou a necessidade de implantar uma monarquia para governar Ugarit.

As divindades legitimavam a autoridade do rei, que, a sua vez, governava as cidades-estado e estabelecia a ligação com o deus supremo, *El*, a quem oferecia sacrifícios no templo.¹¹ A religiosidade de Ugarit era politeísta obedecendo o formato familiar: primeiro se encontra *El*: pai dos demais deuses. Seguido, no segundo plano, dos 70 filhos de *Asherah* que eram liderados pelo temido deus das tempestades *Baal*. Em terceiro plano há os deuses artesãos, seguidos no quarto plano pelos trabalhadores divinos.¹² O nome *El* – do Ugarítico *ʕl* – significa “deus”, e também pode ser encontrado na versão feminina do nome como *ʕlt*, no plural feminino

⁷ “Canaã” significa, etimologicamente ‘pai da púrpura’. SCHLAEPFER, Carlos F.; OROFINO, Francisco R.; MAZZAROLO, Isidoro. *A Bíblia – Introdução historiográfica e literária*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 19.

⁸ SANTOS, João B. R. **Ugarit (Ras Shamra):** Culturas y sociedade mediterrâneas. p. 01. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/viewFile/1037287/8408> Acesso em: 21 fev. 2023.

⁹ SCHLAEPFER, 2004, p. 20.

¹⁰ Cf. MOURA, 2016, p. 04.

¹¹ Cf. MOURA, 2016, p. 06.

¹² Cf. MOURA, 2016, p. 15.

ʕlht, no plural masculino *ʕlhm*, ou na versão secundária *ʕlh*, coincidindo com o termo no hebraico *Elohim*¹³, para se referir ao Deus dos Patriarcas.¹⁴

As escavações de *Tell Ugarit* revelaram 135 textos religiosos contendo estruturas de culto, organização do templo e épicos. Foram encontrados na casa de um sumo sacerdote que residia nas proximidades dos templos de *Dagon* e *Baal*, próximos da acrópole da cidade.¹⁵ Esses textos permitem uma compreensão fundamental dos escritos bíblicos do Antigo Testamento.

Mais recentemente, também na região sudeste da cidade, escavações permitiram descobrir um amplo arquivo de mais de 200 tabletes, incluindo um incomum alfabeto, um documento lexicográfico trilingue (ugarítico, acádico e hurrita), e um fragmento do Épico de Gilgamesh. Esses dados sugerem que Ugarit serviu como um centro destacado de ensino de escribas no Levante, pois sua posição geográfica no Antigo Oriente e sua população cosmopolita favorecia essa função.¹⁶

Este sítio arqueológico situa, geograficamente, o local de origem do deus *El*, e permite a compreensão da organização do panteão canaanita e da sociedade que o circundava. Ugarit era um ambiente rural permeado da linguagem dos épicos que narram as histórias das divindades. Dentre as atribuições da divindade é possível citar: a necessidade de cultivar a terra; a fertilidade das sementes; a força do boi na lavoura; e a atuação da Lua. Outro aspecto relevante, é o formato familiar que é atribuído ao sistema organizacional do panteão. Tal ordem é erigida, praticamente, em toda a estrutura das cidades-estados presentes no Oriente Médio.

¹³ “É o termo mais empregado no AT para designar Deus. É Encontrado mais de 2.570 vezes na Bíblia hebraica. E é o plural gramatical de Eloá, ‘Deus’, e mantém com frequência seu sentido de plural. [...] e é seguido de um adjetivo qualificado, de um predicado ou de um verbo no plural [...] Mas é empregado com mais frequência como singular, seja para qualificar os seres que participam da natureza divina, [...] seja para designar um deus determinado [...] seja para significar a divindade ou o Deus Único, [...] ou nome próprio”. BOUDART, André. Bíblia. In. ELOIM, ABADIA de Maredsous (Dir.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Ary E. Pintarelli, Orlando A. Bernardi. São Paulo: Loyola: Paulus: Paulinas, 2013. p. 432.

¹⁴ Cf. TERRA, João E. M. **O Deus dos Semitas**. São Paulo: Loyola, 2015. p. 83.

¹⁵ Cf. MOURA, 2016, p. 03.

¹⁶ MOURA, 2016, p. 03.

A religião familiar era tanto o modelo quanto o lugar para a prática religiosa e a crença. Alguns santuários, talvez localizados em entradas e portões, assim como no interior das casas, serviam como pontos focais para a expressão religiosa das deidades e parentes mortos: ambas pertencentes à categoria da divindade (*Elohim*). Altares, bem como outros símbolos religiosos, tais como poste sagrado ou árvore chamada de *Asherah* (possivelmente representando a deusa conhecida pelo mesmo nome), podiam ser construídos fora da casa para a prática religiosa familiar (ou clã) – por exemplo, veja Juízes 6. As celebrações religiosas, marcando os vários eventos do ciclo da vida como nascimento, casamento e morte eram todos assuntos familiares, que marcaram linhas de continuidade através das gerações.¹⁷

Na organização social, o patriarca era tido como um homem de deus, responsável por transmitir a crença, a religiosidade e os valores familiares. Um modelo semelhante é encontrado em Israel. A cidade-estado de Ugarit tem sua decadência e destruição atribuída aos povos do mar, por volta do século XII a.C.¹⁸

1.2 EL NO PANTEÃO CANAANITA

A importância de *Tell Ugarit* para a compreensão da divindade *El* – e das demais divindades do panteão canaanita – conduz as investigações científicas para a compreensão do contexto histórico vivido no período dos Patriarcas Bíblicos. A prefiguração de *El* neste universo politeísta canaanita e citado nos primeiros textos bíblicos, apresenta a influência da cultura de culto atribuído à divindade *El* e às demais divindades. Na religiosidade politeísta da cidade-estado de Ugarit, *El* reside sobre o monte *Tsapanu*, que fica ao norte da foz do rio Oronte. Ele é o “Deus Pai” do Panteão, enquanto seu filho *Baal* sonha em ser o “Deus Rei”.¹⁹ E ainda:

¹⁷ SMITH, 2006, p. 47.

¹⁸ Cf. MOURA, 2016, p. 05.

¹⁹ Cf. DEL OLMOLETE, Gregorio. *Mitos e Leyendas de Canaan*. Madrid: Cristiandad, 1981, p. 181ss.

Nos textos ugaríticos, El é claramente classificado como o deus supremo, ‘Pai dos deuses’, criador provido de atributos tais como sabedoria e a misericórdia. É representado como um velho e é chamado de ‘Rei, pai dos anos’ (A.I,8; B.IV,24; cf. o ‘ancião dos dias’ em Daniel 7,9 e o ‘Pai para sempre’ em Isaías 9,5). O mundo inteiro (toda terra de Canaã) lhe pertence; nada se pode fazer sem seu mandato.²⁰

Na tradição israelita, os mesmos atributos de *El* do panteão cananeu estão presentes no Deus *El*: sábio (cf. Jo 38,36; Jó 12,13), misericordioso (cf. Gn 20,2-18; Gn 32, 10) e pai (cf. Gn 1,26;). Tudo é feito ou permitido por ele e nada lhe pode ser escondido.

Um dos atributos intimamente ligados ao Deus-Pai era o de “gerador” ou “progenitor”. O mundo, as pessoas, as divindades e todos os demais seres eram criados por ele. Ele, porém, era um único *ego* transcendente que preservava sua alteridade do mundo criado. Também no Gênesis bíblico tal concepção está presente.²¹

O atributo de ser Deus-Pai, dentro do Panteão Canaanita, remete a uma divindade que possui uma família, afinal, ele é o progenitor, o gerador. Sua família é composta por sua esposa, *Asherah*, tida como divindade da fertilidade, e seus filhos, que possuem atributos cósmicos e astrais. No panteão, há também os deuses artesãos que produzem as ferramentas divinas utilizadas pelos deuses, e por fim, os trabalhadores ou serviços divinos, que servem à família divina.

Asherah, a Deusa Cananéia era conhecida na mitologia ugarítica como “Senhora do Mar”, a esposa de El, chefe do panteão dos Deuses. No Primeiro Testamento, ela aparece muitas vezes como esposa de Baal, sendo que na épica de Baal,

²⁰ BOUDART, 2013, p. 421.

²¹ CHAMORRO, Graciela. Teologia e representação. In: **Imaginários da divindade**. Ivoni Richter Reimer Org. Goiânia: UCG, São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 65.

Asherah cria os monstros que o devoram, se opondo à construção de um templo para Baal.²²

Os textos encontrados em *Tell Ugarit* apresentam a figura de *El* sendo representada, também, como um touro. Conforme pode ser visto em um dos escritos encontrados sob o título de KTU 1.4 II, 11 “Ela rogou ao touro El, O deus da misericórdia, Ela suplica ao criador das criaturas.”²³ Além da expressão do touro, outras representações zoomórficas ou simbolizadas por plantas são apresentadas às divindades Canaanitas. *Asherah* é associada à Árvore da Vida, e *Litan*, à Serpente.²⁴ Ou ainda, como se pode observar no texto de *Ugarit* que apresenta um discurso proferido pela deusa *Anat* (CAT 1,3 III):

Por que Gapn e Ugar vieram?
Qual inimigo se levanta contra Baal,
Qual inimigo contra o Cavaleiro das nuvens?
Certamente eu lutei com Yamm, o Amado de El,
Certamente acabei com Rio, o Grande Deus,
Certamente eu amarrei Tunnanu e o destruí (?),
Eu lutei com a Serpente sinuosa, a soberana de sete cabeças.
Eu lutei com Desejo (?), o Amado de El,
Eu destruí o Rebelde, o Bezerro de El.
Acabei com Fogo, o Cão de El,
Eu aniquilei a Chama, a Filha de El,
Que eu possa lutar pela prata e herdar o ouro.²⁵

Outra forma de *El* se manifestar à humanidade é através dos sonhos. Pelos sonhos a divindade se comunica pessoalmente, faz exortações, demonstra conforto ou anuncia algo.²⁶

1.3 *EL*: UM DEUS DOS EBLAÍTAS

²² CORDEIRO, Ana L. A. Asherah, a Deusa proibida in: **Imaginários da divindade**. Ivoni Richter Reimer Org. Goiânia: UCG, São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 39.

²³ MOURA, 2016, p. 09-10.

²⁴ Cf. SMITH, 2006, p. 139.

²⁵ SMITH, 2006, p. 140.

²⁶ Cf. TERRA, 2015, p. 87.

A cidade-estado de Ebla, foi descoberta no ano de 1964, no sítio arqueológico de *Tell Mardikh*, cerca de 55 quilômetros ao sul da atual cidade de Alepo – Síria. Foram encontrados mais de 17.000 tabletes de argila em grafia cuneiforme, datando de 2400 a.C. apresentando-se como a mais antiga língua semítica. A cidade-estado de Ebla foi destruída pelo rei da Acádia *Naram-Sim*, por volta do ano de 2300 a.C.²⁷ Dentre os textos classificados de *Tell Mardikh*, ao menos 20 são pertencentes à esfera religiosa.

O deus supremo do panteão Eblaíta é *Dagan*, que significa “Trigo”. Na Bíblia ele é conhecido como deus dos Filisteus (*cf.* Jz 16,21- 30).²⁸ No mesmo panteão há um deus chamado *Il*, termo que “é usado ao mesmo tempo para indicar quer a ‘divindade’ quer um deus particular do panteão semítico”²⁹. Nos nomes dos governantes, a partícula teofórica *Il* está presente.

A interpretação desses nomes é muito importante porque ou se referem a um deus pessoal chamado *Il* ou se referem ao substantivo comum *deus*. Mas esse caso evidentemente só é possível numa concepção monoteísta da divindade. A título de exemplo, basta recordar alguns desses nomes: *Mika-il* = Quem como Deus (*Il*)? Aqui é claro que deus é um ser único e exclusivo. O mesmo se passa com os outros nomes, por exemplo: *Puzr-il* = Proteção de Deus; *Iti-il* = (*Il*) Deus deu; *Ip-hur-il* = (*Il*) Deus recolheu; *Enna-il* = (*Il*) Deus concedeu graça; *Is-ma-il* = (*Il*) Deus ouviu.³⁰

Entre os escritos encontrados na Biblioteca Real de Ebla, destaca-se um hino ao Deus criador do céu e da terra, que se assemelha muito ao texto bíblico de Gênesis 1. Tal escrito visava apresentar a visão cosmológica da cidade-estado. Uma narrativa da criação:

Senhor do céu e da terra:
 não havia terra, tu a criaste,
 não havia a luz do dia, tu a criaste,
 não tinhas ainda feito a luz matutina
 Senhor: palavra eficaz

²⁷ *Cf.* TERRA, 2015, p. 103-104.

²⁸ *Cf.* TERRA, 2015, p. 107.

²⁹ TERRA, 2015, p. 109.

³⁰ TERRA, 2015, p. 109.

Senhor: prosperidade
 Senhor: heroicidade
 Senhor: incansável
 Senhor: divindade
 Senhor: que salva
 Senhor: vida feliz³¹

1.4 EL COM OS PATRIARCAS DA BÍBLIA

A divindade *El* é presente em quase todas as histórias dos Patriarcas Bíblicos. Uma assinalação passível de compreensão da divindade Canaanita – influência da cultura religiosa de Ugarit – ou uma expressão generalizada para se referir a Deus – influenciada pela forma de pensar de Ebla.³²

Nas primeiras linhas do livro Bíblico de Gênesis (1,1), encontra-se: “No princípio Deus criou o céu e a terra”³³. O substantivo “Deus”, no original hebraico está como *Elohim*. O termo *Elohim* pode indicar, dentre outras coisas, a forma plural de *El*.

No período Patriarcal, narrado no livro do Gênesis, Abrão, seu pai Tera, seu sobrinho Ló e sua esposa Sarai saem da cidade de *Ur*, na Babilônia para Harã (cf. Gn 11,31). “Abrão é escolhido por Deus sem que nada justifique a escolha de sua pessoa entre tantas outras de sua época.”³⁴ Ao passo que eles migram, o contato com o Reino de Mari acontece. O Reino de Mari, nesse período, era governado pelo rei *Zimri-Lim*. Historicamente, está associado ao período do crescente êxodo migratório dos seminômades - que habitam as estepes Babilônicas – em direção às cidades-estado de Ugarit e de Ebla.³⁵ Assim, os migrantes, conhecem a religiosidade dessas cidades.

[...] Ora, este nome ocorre mais de uma vez em Ebla com as formas de *A-gar* e *A-ga-ru*. Para completar nossa admiração, aparece também em

³¹ TERRA, 2015, p. 113.

³² Cf. FOHRER, Georg. **História da Religião de Israel**. Trad. Josué Xavier. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2006. p. 44.

³³ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 35.

³⁴ ROSSI, Luiz A.S. **Deus se revela em gestos de solidariedade**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 69.

³⁵ Cf. KELLER, 2008, p. 44-49.

Ebla o nome pessoal Ib-ra-mu, que equivale ao hebraico Abrâhâm. [...] Completando a onomástica da família abraâmica, foi descoberto também o nome de mulher Qu-tu-ra, que é exatamente o nome de Qutura, segunda esposa de Abraão, depois da morte de Sara (Gn 21, 1-6) [...] o mais interessante é que o nome de Qu-tu-ra, um pouco adiante menciona o de Há-ra-an, que é exatamente a cidade de Haran, atravessada pelo Eufrates, a 220 km a nordeste de Ebla, de onde Abraão partiu para a terra prometida de Canaã.³⁶

Muito próximo daquilo que os textos de Ebla apresentam, os textos de *Tell Ugarit* trazem a descrição de quando Jacó tem a visão do céu que se abre e os anjos subindo e descendo. Jacó nomeia o local como *Bet El*, ou seja, a casa de Deus (cf. Gn 28,10-22).

Por sua vez, no ciclo de Jacó vemos se repetirem dados semelhantes aos já comentados, que permitem ambientar a tradição no mesmo contexto que o ciclo de Abraão. Jacó tem um nome bem conhecido: Ya‘qub-El (Deus protege), que se repete em regiões de ambiente amorita.³⁷

O Deus dos Patriarcas bíblicos possui estreitas nuances com a divindade *El* de “Ugarit, o que sugere um deus de clã”.³⁸ Assim, a narrativa de Gênesis apresenta o “Deus de Abraão” simbolizando a divindade cultuada no clã ou família do patriarca, conforme pode-se observar em Gn 26,24:

‘Eu sou o Deus de teu pai Abraão.
Nada temas, pois estou contigo.
Eu te abençoarei, multiplicarei tua posteridade
em consideração a meu servo Abraão.’³⁹

No decorrer da história dos patriarcas – desde Abraão até Jacó – existe um contato próximo de Deus para com a humanidade. Esse Deus é

³⁶ TERRA, 2015, p. 113

³⁷ ECHEGARAY, Joaquín G. **O Crescente Fértil e a Bíblia**. Petrópolis: Vozes. 1995. p. 80.

³⁸ FOHRER, 2006, p. 44.

³⁹ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 68; Gn 26,24.

o Deus da bênção, o deus que sela uma amizade com o ser humano pela bênção, assim como um pai abençoa seu filho. Em Gênesis 12,1-3, a bênção é dada a Abraão como promessa, como soldo de construir e constituir um novo povo, bem como, de segurança e proteção, visando um futuro de prosperidade e progresso.

[...] ‘Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê uma bênção!
Abençoarei os que te abençoarem,
amaldiçoarei os que te amaldiçoarem.
Por ti serão benditos
todos os clãs da terra.’⁴⁰

A apresentação de Deus como pai, voltado a suprir as necessidades do clã que será formado por Abraão, transmite o olhar misericordioso de um pai que se preocupa em garantir todas as condições necessárias para manter a dignidade de seu filho. Outro aspecto fundamental que deve ser observado no comparativo do *El* bíblico com o *El* canaanita é a promessa de fertilidade. Em Ebla, três eram os deuses aos quais se atribuía a Fertilidade: *'Il Dashiin* para se referir ao frescor, ao reestabelecimento de vigor como manifestado nas plantas; *'Il Umriiq* para se referir o movimento que produz, como a chama que consome, transmite energia; e *'Il Dagan* que se refere à fertilidade como produção de frutos, sementes e grãos.⁴¹

Deste modo, as três divindades Eblaítas são semelhantes aos seres misteriosos da narrativa de Gênesis 18,1-16. Vê-se no texto supracitado, que o Senhor lhe aparece, sob o aspecto de três homens em pé, enquanto estava sentado à sombra de um carvalho, no horário de forte calor. Após cearem juntos, é feita a promessa de geração de vida para Abraão e Sara.⁴² Na análise comparativa é evidente a presença das três formas de fertilidade expressas em Ebla no texto: o vigor do Carvalho, que mantinha-se verde e com brotação, e oferecia sombra a Abraão (*'Il Dashiin*); o calor, do qual Abraão se escondia, comparável ao calor e luz necessária para a fertilidade (*'Il Umriiq*); e a fertilidade da semente de Abraão (*'Il Dagan*). Portanto, Deus se revela proporcionando tudo o que

⁴⁰ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 49; Gn 12,1-3.

⁴¹ Cf. TERRA, 2015, p. 114-115.

⁴² Cf. A BÍBLIA de Jerusalém, p. 56; Gn 18,1-16.

é necessário para o casal: fertilidade, força e vigor.⁴³ Todavia é *Baal* a divindade da fertilidade humana. Alcançando no atributo desta divindade a totalidade da promessa de *El* a Abrão e Sarai.⁴⁴

Na história de Isaac, a proximidade de Deus, com o atributo de “misericordioso”, também se faz presente. O cumprir-se da promessa, desde seu nascimento, como início do ciclo fértil do povo que futuramente será constituído, já se configura como um sinal de bênção de Deus. Deus olha com misericórdia para Sarai. Isaac se torna motivo de alegria, pois “é por Isaac que uma descendência perpetuará teu nome.”⁴⁵ (Gn 21,12)

A prerrogativa de representação de Deus como um pai, que manifesta sua misericórdia, que abençoa aqueles que lhe são próximos, se constitui, para além de ser somente uma garantia de fertilidade. A bênção é tida como uma garantia do encontro de Deus com a humanidade. De um lado, o divino abençoa, de outro lado, a humanidade promete fidelidade. Esse caminho de duas vias vai se construindo numa amizade sólida. Uma aceitação mútua que permanece até Esaú, filho de Isaac, vender seu direito de primogenitura (*Cf.* Gn 25,29-34).

Quando Esaú vende sua primogenitura, não está vendendo só um direito, mas também a bênção. Despreza a amizade com Deus, trazida desde Abraão, passando por seu pai Isaac. O ato de Esaú foi uma recusa em aceitar a misericórdia desse Deus que age em favor da promoção da dignidade da humanidade. A narrativa de Gênesis, capítulo 27, salienta a importância e a grandeza do valor da bênção. O povo que vai se formar, tem um Deus da bênção, mas também é um povo da bênção, o que evoca plenitude de riqueza, vida e fecundidade.⁴⁶

Segundo LÉON-DUFOUR, a palavra “bênção”, na língua hebraica, tem a mesma raiz que a palavra joelho.⁴⁷ Simbolizando assim, o ato da bênção ser dada pelo pai, ao filho, quando este segura a coxa ou o joelho do pai. Em Gn 32,23-33, quando Jacó luta com Penuel (ou Fanuel)

⁴³ *Cf.* ROPS, Daniel. **História sagrada do povo de Deus**. Trad. Emérico da Gama. São Paulo: Cultor de Livros, 2021. p. 56.

⁴⁴ *Cf.* REIMER, Aroldo. **Inefável e sem Forma: Estudos sobre monoteísmo hebraico**. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2009. p. 41.

⁴⁵ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 60; Gn 21,12.

⁴⁶ *Cf.* LÉON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de teologia bíblica**. Trad. Simão Voigt. 2 Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1977. p. 103.

⁴⁷ *Cf.* LÉON-DUFOUR, 1977, p. 103.

– que significa “face e Deus” – Ihe é tocado, ferido a coxa, para cravar a bênção dada por Deus a Jacó.⁴⁸

A figura de quem abençoa, o Pai, sempre é tida como alguém que já vivenciou a juventude e, agora goza da sabedoria de vida e torna-se um exemplo a ser seguido. Aquele que é abençoado já não é mais o mesmo. Vê-se em Gn 32,29: “Não te chamarás mais Jacó, mas Israel, porque foste forte contra Deus e contra os homens, e tu prevaleceste.”⁴⁹

Os textos bíblicos escritos sobre o período patriarcal apontam para a figuração de *El* como deus dos pais, a exemplo de testemunho de Verdadeiro Pai que conduz o povo para viver e seguir seu testemunho de Pai, Ancião, Misericordioso e Sábio. Porém, quanto mais próxima a narrativa da história do povo bíblico se encaminha para o sul, mais distante o pensamento vai se tornando desse deus dos povos do norte de Canaã.

Uma estela do Faraó Merneptá (1213-1203 AEC) contém a descrição de uma campanha militar no Levante. Vários povos derrotados são descritos e Israel aparece não como um “país”, mas sim, como um grupo de pessoas. Determinante para a nossa pesquisa é que o nome “Israel” aparece na estela e não ‘Isra-yahu’, o que indicaria pela composição do nome pela partícula ‘yahu’ que esses proto-israelitas fossem adoradores desde o seu surgimento do deus Yahweh. O nome “Isra-el”, com a partícula “el” fornece com toda a probabilidade que o deus cabeça do panteão cananeu El foi adorado entre esses primeiros israelitas.⁵⁰

Ao passo que *El* entra na cultura patriarcal, suas características de Deus vão se modificando e alcançando outros significados, distinguindo-se da divindade Canaanita. Não assume mais a forma de criaturas zoomórficas; deixa de ser uma divindade de adoração intimista e passa a ser cultuado. A apresentação dos elementos inculturados na religiosidade bíblica mostra a riqueza anexada. Construindo um caminho solidificado de conhecimento e revelação do *El* bíblico. Durante a história do povo de

⁴⁸ Cf. HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **O livro do Gênesis: Cadernos de estudos bíblicos.** Trad. Alessandra Lass. Campinas: Ecclesiae, 2015. p. 113.

⁴⁹ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 77; Gn 32,29.

⁵⁰ MOURA, 2016, p. 16.

Israel, o conceito de *El* passa por modificações, conotando uma nova aceção.

‘Israel’ nasce, portanto, a partir de populações autóctones. A oposição que se encontra na Bíblia, entre israelitas e cananeus, não é, de modo algum, uma oposição étnica, mas uma construção ideológica a serviço de uma ideologia segregacionista. O grupo ‘Israel’ é, antes de tudo, uma espécie de confederação clânica e tribal reunindo grupos que pensavam provavelmente já pertencer a um mesmo conjunto étnico.⁵¹

A partir destes atributos, pode-se notar uma evolução na compreensão dos atributos de *El*. Alguns indícios de *El* são vistos também no livro de Daniel, no “Ancião dos dias” (cf. Dn 7,9); ou ainda o profeta Isaiás, que irá apresentar a imagem de Deus como um “Pai para sempre” (cf. Is 9,5).

Podem-se destacar os nomes teofóricos referindo-se a *El*: **Como adjetivo a Deus:** *El Elyon* (cf. Gn 14,19-20) “O deus Altíssimo”; *El Roi* (cf. Gn 16,13) “o deus que me vê”; *El Olam* (cf. Gn 21,33) “o deus eterno”; *El Elohe Yisrael* (cf. Gn 33,20) “o deus de Israel”; *El Betel* (cf. Gn 31,13) “o deus de Betel”; *El Shadday* (cf. Gn 48,3) “o deus poderoso”.

Como nomes pessoais: Daniel (cf. Esd 8,2) “Deus é meu juiz”; Elias (cf. 1Rs 17,1) “Meu Deus é Javé”; Eliseu (cf. 1Rs 19,19) “Deus é salvação”; Ezequiel (cf. Ez1,3) “Deus fortalece”; Samuel (cf. 1Sm 1,20) “Seu nome é Deus”.

Como nomes pessoais derivados de uma ação de Deus: Israel (cf. Gn 32,28) “Lutando com Deus”; Emmanuel (cf. Mt 1,23) “Deus conosco”; Ismael (cf. Gn 16,11) “Deus escudou”; Fanuel (cf. Gn 32,31) “Deus virou”. **Como nome de lugares:** Betel (cf. Gn 12,8) “Casa de deus”; Jezreel (cf. Os 2,2) “onde Deus semeia”.⁵²

Portanto, o resgate histórico dos patriarcas bíblicos e das culturas que os circunvizinhavam, revela indícios e aspectos que evoluem a compreensão religiosa arcaica vivida. A revelação da divindade *El* aos patriarcas, remete ao início de uma relação humano-divino, em que se criam vínculos e estreitam laços de amizade.

A construção de uma religiosidade que associa os valores humanos vividos na época dos patriarcas como: o respeito à voz dos anciãos; a

⁵¹ RÖMER, 2016, p. 23.

⁵² Cf. TERRA, 2015, p. 152-160.

necessidade de acolher e ser misericordioso; as atitudes de sabedoria. Tudo isso se reflete no modo como Deus (*El*) se revela aos patriarcas.

2 YHWH: UM DEUS REI, FORTE E GUERREIRO

Neste capítulo será trabalhado o surgimento e as revelações manifestas de YHWH. Essa divindade, diferentemente de *El*, possivelmente, tem seu surgimento no sul, nas estepes do monte Sinai. Seu nome é o tetragrama sagrado hebraico YHWH, o qual é impronunciável, mas que traz o significado de “Eu Sou” ou “Eu Serei” (*cf.* Ex 3,14). Geralmente é pronunciado como “Senhor”⁵³.

As palavras em hebraico que Deus dirige a Moisés são *ehyeh asher ehyeh*. A tradução mais comum é ‘eu sou o que sou’. Alguns preferem ‘eu sou quem sou’, mas não é bem isso que a gramática do hebraico quer dizer. A palavra *ehyeh* significa ‘eu serei’. Ela está no futuro. Portanto, uma tradução mais fiel seria ‘eu serei o que serei’ ou ‘eu serei quem eu serei’. Mas por que a maioria das traduções emprega o tempo presente, ‘eu sou’? a resposta está na influência que elas sofrem da tradução do hebraico para o grego, a Septuaginta. Diferente do pensamento judaico, o que transparece na Septuaginta é a filosofia grega.⁵⁴

Todavia, dados arqueológicos encontrados no Egito, do período dos faraós Amenófis III e Ramsés II, já apresentam um povo chamado *Shasus* como sendo pertencente a YHWH. Embora na topografia dos faraós se apresente o Tetragrama, esse pode ser referido a um local, mas também a uma divindade no Antigo Oriente.⁵⁵

YHWH, na origem, era provavelmente um deus da montanha da região desértica do sul da Palestina, avançando para a função de deus pessoal de

⁵³ “Por respeito à santidade de Deus, o povo de Israel não pronuncia seu nome. Na leitura da Sagrada Escritura, o nome revelado é substituído pelo título divino ‘Senhor’ (“*Adonai*”, em grego “*Kýrios*”). CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 1999. p. 66; CIC 209.

⁵⁴ MOFFIC, Evans. **Lendo o Antigo Testamento sob a ótica judaica** – um estudo da bíblia que Jesus lia. Trad. Robinson Malkomes. São Paulo: Hagnos, 2023. p. 77.

⁵⁵ *Cf.* PEETZ, Melanie. **O Israel bíblico** – História – arqueologia – geografia. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 72.

famílias israelitas; para o posto de deus nacional de Israel, para a função de deus da fertilidade da terra cultivável; para o deus dos céus provedor de direitos e salvação; para o rei dos deuses; para criador do cosmo e dirigente da história; para o senhor sobre a morte e, por fim, para a função de juiz universal.⁵⁶

A primeira comunicação de YHWH com Moisés, nos relatos bíblicos, acontece no monte Horeb (sinalizado também com o nome “Sinai”). Nesta narrativa, se apresenta a Sarça Ardente, na qual, o anjo de YHWH traz a mensagem a Moisés (cf. Ex 3,1-6). A Sarça, em hebraico “Sěneh, é um jogo de palavras como o nome Sinai [...] não é consumida e medeia a voz divina.”⁵⁷ Todas as vezes que YHWH revela algo a Moisés, este sobe a montanha para se encontrar com YHWH. “Moisés faz três viagens do acampamento para a montanha onde prepara a aliança.”⁵⁸

No decorrer do tempo e do avanço da divindade pelo território de Canaã, várias atribuições vão sendo reveladas e associadas a este Deus. Como apontarão os dois primeiros versículos do Salmo 114:

Quando Israel saiu do Egito
e a casa de Jacó de um povo bárbaro,
Judá se tornou seu santuário,
e Israel, o lugar de seu império.⁵⁹

2.1 YHWH VINDO DO EGITO?

No decorrer da história – tanto no livro do Gênesis quanto no livro do Êxodo – nota-se o interesse dos seminômades em desbravar as terras ao sul, além montanhas. Com esse desejo, ainda na história dos patriarcas, Abraão e sua família descem até o Egito, para depois subirem ao Negueb (cf. Gn 12,10;13,1ss). Na história de José, o ápice de sua história acontece no Egito. A revelação de YHWH no meio do povo, por se tratar de um deus que provém de cultura familiar da região sul de Canaã, pode ter recebido a influência da mitologia egípcia. Essa influência pode ter vindo,

⁵⁶ REIMER, 2009, p. 39.

⁵⁷ BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo Comentário bíblico São Jerônimo** – Antigo Testamento. Trad. Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2007. p. 133.

⁵⁸ BROWN, 2007, p. 142.

⁵⁹ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 985; Sl 114,1-2.

mais precisamente, da figura do deus egípcio Set, pertencente ao panteão, e após isso ter sido introduzido na região sul de Canaã sob outro nome.

Se Yhwh é um deus do sul, é possível que tenha possuído, também, as características de um deus das estepes. Sinetes em forma de escaravinhos, encontrados no Negueb e em Judá, representando uma variante do motivo iconográfico do “senhor dos animais”, podem ser postos, sem dúvida, em relação com um tal deus das estepes. Datando, na maioria, dos séculos X e IX antes da era cristã, eles figuram um personagem, provavelmente uma divindade, domando avestruzes. Segundo Othmar Keel e Christoph Uehlinger, poderia se tratar de representações de Yhwh. Se a identificação for correta, teríamos aí uma indicação de que Yhwh não foi venerado só como um deus da tempestade, mas também como uma divindade das estepes, das regiões áridas. [...] Pode-se, de repente, fazer uma aproximação entre Yhwh e o deus egípcio Set? Esse deus foi exportado, durante o segundo milênio, do Egito para o sul do Levante. Ele foi sempre um deus dos limites, residindo nas montanhas, nos desertos e nos oásis. Deus agressivo, deus da guerra, Set é, certamente, o inimigo de Osíris e de seu filho Hórus, e assim simboliza a desordem, o caos, e o estado oposto a *ma'at* (a ordem do mundo e da sociedade), mas é, também, companheiro e protetor do deus solar. [...] A ligação entre o deus solar e Set aparece também na narrativa de Wen-Amon (Unmon), uma lenda do início do primeiro milênio antes de nossa era, que conta a viagem de um alto funcionário para Biblos. À chegada dele ao seu destino, o príncipe de Biblos lhe diz: “Veja, Amon tropeja no céu depois de ter instalado Set, ao seu lado.”⁶⁰

Diferentemente da divindade *El* que surge nas estepes do monte Tsapanu, no norte do território de Israel, YHWH surge nas estepes do monte Sinai, no período em que a região pertencia à civilização egípcia, como se lê em Deuteronômio 33,2:

⁶⁰ RÖMER, 2016, p. 55.

Iahweh veio do Sinai,
 Alvoreceu para eles de Seir,
 Resplandeceu do monte Farã.
 Dos grupos de Cades veio a eles,
 Desde o sul até as encostas.⁶¹

O comparativo de YHWH com a divindade egípcia das tempestades Set, pode ser notada nos atributos dados pelo escritor sagrado do livro bíblico de Juízes. Nesse livro, YHWH se revela sob a forma de uma forte tempestade que se desenvolve ao passo que vai avançando sobre o território. Nota-se em Juízes 5,4-5:

Yahweh! Quando saíste de Seir,
 quando avançaste nas planícies de Edom,
 a terra tremeu,
 troaram os céus, as nuvens desfizeram-se em água.
 Os montes deslizaram na presença de Iahweh, o do Sinai,
 Diante de Iahweh, o deus de Israel.⁶²

O comportamento atribuído nesta fase da revelação da divindade, é de um deus guerreiro, jovem, forte e vingativo, possuindo em si, atributos de realeza como se pode notar no temperamento dos faraós egípcios. Um comparativo pode ser traçado a quando, na história de Moisés, YHWH manda-o falar ao faraó para libertar seu povo (*cf.* Ex 5,1-5). Este dado mostra que a divindade se revela como um “Deus-Rei”, forçando uma afronta com o faraó (*cf.* Ex 5,6-9). Esta realeza de YHWH se torna mais perceptível no curso histórico no qual acontece mais claramente a revelação. Certos salmos, que foram frequentemente retocados, guardam o traço de uma ascensão de YHWH à realeza,⁶³ como o Salmo 47.

Pois o rei de toda a terra é Deus:
 tocai música para mostrá-lo!
 Deus é rei acima das nações,
 senta-se Deus em seu trono sagrado.⁶⁴

⁶¹ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 302; Dt 33,2.

⁶² A BÍBLIA de Jerusalém, p. 355; Jz 5,4-5.

⁶³ *Cf.* RÖMER, 2016, p. 132

⁶⁴ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 911; Sl 47,8-9.

A história de Moisés é datada, por volta de 1300 a.C.⁶⁵ O comparativo da ordem dada por YHWH para falar livremente ao faraó, mostra que é um rei mandando um mensageiro a outro rei para negociar antes das batalhas. Como se apresenta em Êxodo 5,1: “Depois Moisés e Aarão foram e disseram a Faraó: ‘Assim falou Iahweh, o Deus de Israel: deixa o meu povo partir, para que façam uma festa no deserto.’”⁶⁶ Após o desenrolar da história de negação de liberdade ao povo, por parte do Faraó, a primeira batalha entre YHWH e o Faraó, se dá em Êxodo 7,8-13:

Disse Iahweh a Moisés e a Aarão: ‘Se Faraó vos disser: ‘Apresentai um prodígio em vosso favor’, então dirás a Aarão: ‘Toma a tua vara e lança-a diante de Faraó; e ela se transformará em serpente.’” Moisés e Aarão foram a Faraó, e fizeram como Iahweh ordenara. Lançou Aarão a sua vara diante do Faraó e diante dos seus servos, e ela se transformou em serpente. Faraó, porém, convocou os sábios e os encantadores, e, com seus sortilégios, os magos do Egito fizeram o mesmo. Cada um lançou sua vara, e elas se tornaram serpentes. Mas a vara de Aarão devorou as varas deles. Contudo, o coração do Faraó se endureceu e não os ouviu, como Iahweh havia predito.⁶⁷

A partir desse ponto da história do livro bíblico do Êxodo, o escritor sagrado vai tecendo a revelação da divindade que se apresenta como Deus de Israel, numa batalha para libertar o povo de Israel da escravidão instaurada pelo Egito. A aproximação cultural da revelação de YHWH com o Egito é grandiosa. A revelação das Tábuas da Lei a Moisés traz o texto parecido com o livro egípcio dos mortos.

No país do Nilo, quando um homem morria, a sua alma era julgada segundo seus méritos. Inúmeras pinturas representam-nos a cena em que Maat, a senhora da Verdade, ou Toth, o condutor das almas, pesam numa grande balança o coração do defunto, sob os olhos de Osíris, enquanto o horrendo animal

⁶⁵ Cf. MISSIONÁRIOS CAPUCHINHOS. **A história do povo de Deus** – linha do tempo. Vacaria: (QUERO SABER).

⁶⁶ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 108; Ex 5,1.

⁶⁷ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 111; Ex 7,8-13.

Ammit, ‘o devorador’ – misto de crocodilo e hipopótamo –, espera o veredicto com medonho apetite. Nesse instante trágico, o homem recitava um discurso em defesa própria, discurso que o Livro dos Mortos nos conservou. Dizia nomeadamente: Não desonrei o deus, não reduzi a oferenda devida ao templo. Não cometi injustiça, não matei o meu semelhante, não menti. Não cometi o pecado da carne. Estou puro! Estou puro!
68

Entretanto, também há uma aproximação com um ritual babilônio de exorcismo⁶⁹ que apresentava certas perguntas:

‘Ele ultrajou algum deus? Odiou os antepassados? Desprezou pai e mãe? Proferiu palavras impuras? Praticou ações repreensíveis? Aproximou-se demasiado da mulher alheia? Derramou o sangue do próximo? Roubou-lhe as vestes? Disse é em vez de não é? Sua boca afirmava, enquanto o seu coração negava?’⁷⁰

2.2 YHWH: UM DEUS ESTRANGEIRO EM CANAÃ.

A divindade YHWH é comumente encontrada nos textos bíblicos e traduzida como *Javé*, *Yaweh*, *Yah* e *Yaho*. Sua origem não se encontra no Panteão canaanita e nos textos de Ugarit não existem menções a essa divindade. Todavia, nos textos encontrados na Biblioteca Real do sítio de Ebla, há indícios de nomes teofóricos que apontam para uma possível aproximação com o nome de YHWH: as expressões *Yau* e *Ya*.⁷¹

⁶⁸ ROPS, 2021, p. 187.

⁶⁹ Não se sabe se a cultura Babilônica influenciou a cultura Egípcia, ou vice-versa. Ambos escritos apresentam grande proximidade com o texto do decálogo encontrado na Bíblia. HOPS dirá que “São semelhanças que não provam senão a universalidade dos preceitos mosaicos. [...] foi dado por Deus, isto é, proveito de uma revelação.” (ROPS, 2021, p. 188.)

⁷⁰ ROPS, 2021, p. 188.

⁷¹ Cf. TERRA, 2015, p. 108.

Ao passo que é inserido no Panteão Canaanita, em um primeiro momento da história, YHWH ganha a conotação de uma filiação de *El*, como pode ser observado em Deuteronômio 32,8-9:

Quando o Altíssimo repartia as nações,
quando espalhava os filhos de Adão
ele fixou fronteiras para os povos,
conforme o número dos filhos de Deus;
mas a parte de Iahweh foi o seu povo,
o lote de sua herança foi Jacó.⁷²

Ao ser inserido no panteão Canaanita, YHWH ganha como esposa, a deusa *Asherah*.⁷³ Em Judá, foi descoberto, em 1975, numa antiga estrada de Gaza a Elat, uma pousada que possuía duas jarras de armazenagem com desenhos e inscrições datadas de 800 a.C. e nomeados *pithos A* e *pithos B*:

No *pithos A*, se lê:
Diz... Diga a Jehalle... Josafá e...:
Abençoo-vos em YHWH de Samaria e sua
Asherah.
No *pithos B*, se lê:
Diz Amarjahu: Diga ao meu Senhor: Estás bem?
Abençoo-te em YHWH de Teman e sua Asherah.
Ele te abençoa e te guarde e com meu senhor.⁷⁴

Também a ele foram dados todos os atributos que esta cultura dava ao deus Baal, começando assim um sincretismo entre os dois deuses. Indícios deste sincretismo foram achados nas escavações feitas em 1967, no sítio de *Khirbet el-Qom*, ao oeste de Hebron. Na ocasião foi encontrado um túmulo datado do século VIII a.C.⁷⁵ em que havia a seguinte descrição:

1. Urijahu [...] sua inscrição.
2. Abençoado seja Urijahu por Javé (lyhwh)
3. Sua luz por Asherah, a que mantém sua mão sobre ele

⁷² A BÍBLIA de Jerusalém, p. 299; Dt 32,8-9.

⁷³ Cf. CORDEIRO, 2008, p. 25.

⁷⁴ CORDEIRO, 2008, p. 36.

⁷⁵ Cf. CORDEIRO, 2008, p. 34.

4. por sua rpy, que...⁷⁶

A atribuição de que há um sincretismo entre o deus estrangeiro YHWH e o deus canaanita Baal encontra maiores conotações quando são mescladas as designações de divindade e demais atributos próprios que remontam à personalidade divina de cada deus. Assim, os atributos dados a Baal, note-se, entre eles, o deus da força (ou deus forte), deus guerreiro e deus das tempestades, “Deus do raio, responsável pela chuva e, assim, pela fertilidade do solo e também dos ventres”⁷⁷ são atribuídas a YHWH, na mesma cultura religiosa das terras de Canaã. REIMER apresenta que:

YHWH, na origem, era provavelmente um deus da montanha da região desértica do sul da Palestina, avançando para a função de deus pessoal de famílias israelitas; para o posto de deus nacional de Israel; para a função de deus da fertilidade da terra cultivável;⁷⁸

A conferência a YHWH de atribuições próprias da divindade ugarítica Baal, pode ser vista, segundo RÖMER,⁷⁹ no Salmo 29,3-9, que possui uma influência do norte. Além disso, ele nota que pode ser facilmente trocado o nome de YHWH pelo de Baal, compondo claramente os atributos de Baal revelados como sendo de YHWH. A menção feita neste Salmo da “Estepe Santa” “é igualmente atestada em Ugarit no mito de Shahr e Shalimu (deuses da aurora e do crepúsculo) tornou-se, no texto massorético, o ‘deserto de Qadesh’.”⁸⁰

O culto ao deus estrangeiro ganha maior conotação em Judá e, por consequência, em Israel, onde é tido como deus nacional.⁸¹ Diferentemente de *El*, YHWH é manifestado através de um deus forte e guerreiro, punidor e ciumento, não é tido como “Deus-Pai”, mas como “Deus-Rei”.⁸²

⁷⁶ CORDEIRO, 2008, p. 34.

⁷⁷ REIMER, 2009, p. 41.

⁷⁸ REIMER, 2009, p. 39.

⁷⁹ Cf. RÖMER, 2016, p. 116.

⁸⁰ RÖMER, 2016, p. 116.

⁸¹ Cf. DICIONÁRIO Enciclopédico da Bíblia, p. 710.

⁸² Cf. REIMER, 2009, p. 41.

2.3 YHWH: UM DEUS, UMA LEI

Por influência da cultura e da crença dos Egípcios, o Deus YHWH, revela-se como o Deus da Lei, o Deus que exige uma conduta do ser humano. Na narrativa do Jardim do Éden, Deus dá uma ordem explícita, ou seja, dita a primeira lei para Adão e Eva sobre o fruto da árvore que está no centro do Jardim. “Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte!”⁸³ (Gn 3,3b). No chamado de Moisés, (Ex 3,5a) o anjo de YHWH ordena a Moisés “não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés.”⁸⁴ Quando se apresenta a Moisés e Aarão, dá ordens para que o povo seja libertado do Egito pelo Faraó (*cf.* Ex 5,1-5).

A necessidade de colocar ordem ao povo, por meio da Lei implica na consolidação de um povo. Não mais patriarcal, mas com a necessidade, após a libertação do Egito, de compor uma ordem tribal com um único seguimento e código ético, moral e jurídico. A este fato, YHWH sela com o povo uma aliança. Conforme se nota no texto de Êxodo 6,5-8:

Ouvi o gemido dos israelitas, aos quais os egípcios escravizavam, e me lembrei da minha aliança. Portanto, dirás aos israelitas: Eu sou Iahweh, e vos farei sair de debaixo das corveias dos egípcios, vos libertarei da sua escravidão e vos resgatarei com o braço estendido e com grandes julgamentos. Tomar-vos-ei por meu povo, e serei o vosso Deus. E vós sabereis que eu sou Iahweh vosso Deus, que vos faz sair de sob as corveias dos egípcios. Depois eu vos farei entrar na terra que jurei com mão estendida dar a Abraão, a Isaac e a Jacó; e vo-la darei como possessão: eu sou Iahweh!⁸⁵

Assim, toda a comunidade vai se moldando, conforme as Leis dadas por Deus. Começa então um regime de Teocracia. O código moral das tribos de Israel começa a ser organizado. Assim, a justiça e o bem comum do povo é visado como princípio universal do povo de Israel. Tendo como ápice a entrega a Moisés, das tábuas da Lei (*cf.* Ex 20,2-17 e Dt 5,1-21).

Entretanto, a necessidade de ordem do povo de YHWH vai se estruturando por pequenas condutas morais de cuidado com os demais

⁸³ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 37; Gn 3,3b.

⁸⁴ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 106; Ex 3,5a.

⁸⁵ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 109-110; Ex 6,5-8.

membros da comunidade e assistência aos que estão desamparados. Desse modo, assegura o cuidado da viúva e do órfão; o cuidado dos pobres; o cuidado com o estrangeiro; o cuidado com o irmão judeu que se torna escravo com sua família; devolver o que pegou emprestado; e o cuidado com as coisas, até mesmo dos inimigos (cf. Ex 22-23).⁸⁶ Assim, a vida de comunidade é restituída e ditada conforme a revelação de YHWH, como está no Salmo 19,8-9:

A lei de Iahweh é perfeita,
faz a vida voltar;
o testemunho de Iahweh é firme,
torna sábio o simples.
Os preceitos de Iahweh são retos,
alegram o coração;
o mandamento de Iahweh é claro,
ilumina os olhos.⁸⁷

Com a organização social acontecendo, surge a necessidade de construir, na história do povo, um conjunto ou código de Leis. Ao passo que a monarquia se instala, o reflexo de tal ação se dá na cultura do povo, influenciada pela revelação de Deus. Deste modo, o cumprimento da Lei leva a marcar na consciência do povo, a importância de cumpri-las e a reminiscência da vida dos antepassados.

Amanhã quando teu filho te perguntar: ‘Que são estes testemunhos e estatutos e normas que Iahweh nosso Deus vos ordenou?’, dirás ao teu filho: ‘Nós éramos escravos do Faraó no Egito, mas Iahweh nos fez sair do Egito com mão forte aos nossos olhos Iahweh realizou sinais e prodígios grandes e terríveis contra o Egito, contra o Faraó e toda a sua casa. Quanto a nós, porém, fez-nos sair de lá para nos introduzir e nos dar a terra que, sob juramento, havia prometido aos nossos pais. Iahweh ordenou-nos então cumprimos todos estes estatutos, temendo Iahweh nosso Deus, para que tudo nos corra bem, todos os dias; para dar-nos a vida, como hoje se vê. Esta será a nossa justiça: cuidarmos de

⁸⁶ Cf. ROPS, 2021, p. 190.

⁸⁷ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 881; Sl 19,8-9.

pôr em prática todos estes mandamentos diante de Iahweh nosso Deus, conforme nos ordenou.’⁸⁸

2.4 SENHOR DOS EXÉRCITOS, DEUS-GUERREIRO E VINGATIVO, DEUS-SOL

Como já visto na narrativa do Êxodo, quando Moisés e Aarão se apresentam ao Faraó para comunicar a mensagem de YHWH para ser dada a liberdade ao povo de Israel, YHWH age com a postura de um rei que busca a liberdade dos seus súditos. “Iahweh é rei! Que a terra exulte, e as ilhas numerosas fiquem alegres!”⁸⁹ (Sl 96,1). Este “Deus-Rei” se apresenta como um rei pronto para a batalha, ou ainda, como o “Senhor dos Exércitos” (*Yahweh Sabaoth*). Tal título se nota ao longo da história do povo Hebreu como condutor do povo para a conquista da terra prometida.

A figura de um Deus-guerreiro é tida como aquele que marcha à frente do seu povo (cf. 2Cr 13,12; Dt 31,8; Js 6,7). Os exércitos desse Deus podem ser tanto terrestres, quanto divinos.⁹⁰ Enquanto terrestre, nota-se que YHWH assume uma versão primitiva de Deus da guerra (cf. 1Sm 17,45).

Enquanto designação dos exércitos celestes, este se apresenta como deus guerreiro, que conduz o exército sob suas ordens para a batalha (cf. Is 6,1-8). A revelação de YHWH como “Deus dos Exércitos” já aparece implicitamente no relato em que, após banir Adão e Eva do Éden, coloca os Querubins para guardar as portas do Jardim (cf. Gn 3,24).

A revelação de YHWH como um Deus-Guerreiro, espelhou a confiança ao povo de Israel, após ser liberto do Egito. Nota-se que a história pós libertação da escravidão egípcia é marcada por muitas incursões de domínio do povo Hebreu (povo de Israel) às cidades das terras de Canaã. A maioria dos autores acredita que, além do Egito, havia clãs de Hebreus espalhados pelo território da Palestina.⁹¹

Documentos importantes para comprovar tais fatos são as cartas de *El-Amarna*. Nelas se encontram citações de povos chamados de *apiru* ou *habiru*, seminômades que realizavam ostensivos ataques contra as

⁸⁸ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 267; Dt 6,20-25.

⁸⁹ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 965; Sl 96,1.

⁹⁰ Cf. RÖMER, 2016, p. 131.

⁹¹ Cf. ECHEGARAY, 1995, p. 96.

idades do deserto palestino. Há citações na Mesopotâmia que atestam a presença do povo *apiru*, por volta de 2000 a.C., que invadiam e assaltavam as cidades.⁹² “Tais habiru, onipresentes em todo o Crescente Fértil, são provavelmente os mesmos hebreus da Bíblia.”⁹³ Esse dado não se refere apenas ao clã provindo de Abraão, mas refere-se a todos os semitas seminômades que viviam na região.⁹⁴ A carta de *El-Amarna* intitulada EA 243, expressa as ameaças realizadas pelos *apirus* à cidade de Meguido, informando ao Faraó Amenhotep IV sobre a situação:

(8-22): Eu tenho obedecido às ordens do rei, meu senhor e meu deus sol, e eu estou guard[ando] Magidda, a cidade do rei, meu senhor, dia e noite. De dia eu (a) guardo [n]os campos abertos com bigas, e de [n]oite nos muro[s] do rei, meu senhor. E, como a hostilidade dos ‘a[pi]rus na terra é inten[-as], queira o rei, meu senhor, tomar conhecimento da sua terra.⁹⁵

Nos relatos bíblicos, a presença da força desencadeada pela revelação de YHWH com propriedades de guerreiro, se encontra nas incursões feitas aos povos de Cades (*cf.* Ex 17,8-16), Jericó (*cf.* Js 6,1-16), Hai (*cf.* Js 8,14-25), os cinco reis contra Gabaon (*cf.* Js 10,6-27), as cidades meridionais de Canaã (*cf.* Js 10,28-39), Meron (*cf.* Js 11,5-9), Hasor (*cf.* Js 11,10-14), Enacim (*cf.* Js 11,21-23), os reinos a leste do Jordão (*cf.* Js 12,1-6) e os reinos a oeste do Jordão (*cf.* Js 12,7-24).

No que tange à história do povo de Israel, nota-se também a figura de YHWH como aquele que cuida e vinga seu povo. No livro do Êxodo, YHWH garante ao povo os espólios como restituição daquilo que os egípcios lhes tiraram, tanto na escravidão, quanto na negação do Faraó em aceitar a oferta de libertar o povo (*cf.* Ex 3,21-22).

Darei a este povo a boa graça dos egípcios; e quando sairdes, não será de mãos vazias. Cada mulher pedirá à sua vizinha e à sua hóspede joias de prata, joias de ouro e vestimentas, que poreis

⁹² *Cf.* ECHEGARAY, 1995, p. 97.

⁹³ ECHEGARAY, 1995, p. 97.

⁹⁴ *Cf.* ECHEGARAY, 1995, p. 97.

⁹⁵ KAEFER, Ademar José. **As cartas de Tell el-amarna** – e o contexto social e político de Canaã antes de Israel. São Paulo: Paulus, 2019. p. 92-93.

sobre os vossos filhos e sobre as vossas filhas; e despojareis os egípcios.⁹⁶

E ainda, quando Moisés, ao ver o sofrimento do povo perante a ira do Faraó, indaga a Deus sobre o sofrimento do povo, YHWH responde (Ex 6,1) “Agora verás o que hei de fazer a Faraó, pois é pela intervenção de mão poderosa que os fará partir, e por mão poderosa os expulsará do seu país.”⁹⁷

Quando YHWH adverte o povo por fazer um bezerro – Baal de ouro – enquanto Moisés estava longe, a ira é despertada em YHWH (cf. Dt 9,7-21). Ele dirá a Moisés: “Deixa-me! Vou exterminá-los, apagar seu nome de sob o céu!”⁹⁸ (Dt 9,14)

Deus fica irado, conforme vemos nas 10 pragas enviadas sobre o faraó e os egípcios. E Deus muda seus planos, conforme vemos depois que Moisés intercedeu para que Ele não destruísse os israelitas por causa do pecado do bezerro de ouro. O Deus de Israel é um Deus que se relaciona. Ele vive e age especificamente através da história. Seu dinamismo é sinal de sua liberdade.⁹⁹

Ao passo que a revelação de YHWH vai se espalhando do sul para o norte de Israel, vai assumindo novos adjetivos, tais como, “Deus justiceiro” ou “Deus da justiça”, “Deus Sol” ou “Deus do Sol”, características que relembram atribuições divinas no Egito e Mesopotâmia.

Os cultos do sol existem em toda a Mesopotâmia e no Egito com facetas diferentes: o sol é criador e garantia de vida, mas também julga o bem e o mal que os homens fazem. Um sinete encontrado em Jerusalém, em uma tumba do século VII antes de nossa era, mostra o deus solar ladeado por dois deuses menores, ‘direito’ e ‘justiça’.¹⁰⁰

⁹⁶ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 107; Ex 3,21-22.

⁹⁷ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 109; Ex 6,1.

⁹⁸ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 270; Dt 9,14.

⁹⁹ MOFFIC, 2023, p. 78.

¹⁰⁰ RÖMER, 2016, p. 103.

A cultuação como “Deus Sol”, “Deus do Sol” ou “Deus solar”, pode ser vista em Jerusalém com influência egípcia. Esta visão se fundamenta em algumas passagens em que YHWH se revela como luz, brilho, lâmpada e até mesmo como o próprio sol. Dessa forma a cultuação ganha força quando se redigem os Salmos, como o caso do Salmo 84,12 que chama YHWH de sol.

Şedeq caminha diante de Yhwh, como a Ma’at egípcia diante do deus solar. A Transferência, para Yhwh, da função do deus solar de garantir a justiça encontra-se também no livro que leva o nome do profeta Sofonias: ‘Yhwh é justo no meio dela, ele não pratica a iniquidade, manhã após manhã ele promulga o seu direito, à aurora ele não falta’ (3,5).¹⁰¹

A esse dado pode-se comparar o Salmo 85,14, o qual prediz que à frente do Senhor caminhará a justiça traçando um caminho. FOHRER afirma que a característica da revelação de YHWH como “Deus-Sol”, pode ainda ter base em texto das culturas arábicas da época.¹⁰² Assim como o Salmo 84, também apresenta afigura de YHWH como Deus-Sol:

Porque Iahweh é sol e escudo,
Deus concede graça e glória;
Iahweh não recusa nenhum bem
aos que andam na integridade.¹⁰³

Também, o Salmo 19 traz YHWH como Deus-Sol:

Ali pôs uma tenda para o sol,
e ele sai, qual esposo da alcova,
como alegre herói, percorrendo o caminho.
Ele sai de um extremo dos céus
e até o outro extremo vai seu percurso;
e nada escapa ao seu calor.¹⁰⁴

Esta exclusividade que YHWH revela para com o povo de Israel, implica numa relação íntima. Partindo dessa relação, percebe-se um Deus,

¹⁰¹ RÖMER, 2016, p. 128.

¹⁰² Cf. FOHRER, 2006, p. 101.

¹⁰³ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 953; Sl 84,12.

¹⁰⁴ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 880; Sl 19,5b-7.

de certo modo, ciumento, que se põe ao lado do povo, mas não aceita que o povo permaneça no passado. Espera que a relação de Deus – humanidade seja um passo para buscar um futuro. Futuro, no qual, YHWH vai, aos poucos, se revelando quem Ele realmente é. Assim como já revelado quando indagado sobre Seu nome *Serei quem Serei* vai dinamizando a vida do povo.

Se o Deus transcendente, o Deus distante aqui e precisamente aqui saiu ao encontro do homem, então a experiência ocorrida aqui não podia ser dispensável e precisava ser zelosamente preservada.¹⁰⁵

Portanto, a revelação divina é dada nesse momento histórico, com maior evolução. Dentre as características marcantes de YHWH é possível destacar: A necessidade de libertação; compreensão e compromisso social; organização legislativa. Isso reflete a forma que Deus escolheu para se revelar ao povo. E mesmo a escolha do nome impronunciável deslinda algo ao ser humano: Deus é muito mais do que a razão humana pode imaginar.

¹⁰⁵ TERRA, 2015, p. 339.

3 DO POLITEÍSMO AO MONOTEÍSMO DE ISRAEL

Nos textos bíblicos há evidentes resquícios do politeísmo. Isso se verifica seja com a presença do nome de *Baal*, seja com o nome de *Asherah*, ou tantas outras expressões que conotam a existência de uma tradição cultuadora de vários deuses. O processo gradual de transformação no panteão canaanita mostra como a religiosidade da região de Canaã era dinâmica. Essa afirmação fundamenta e propicia gradativamente a abolição da idolatria.

No mundo religioso cananeu-israelita deste período, o deus Baal, filho de El, assumiu a primazia no panteão divino, como é expresso no poema ‘Baal, o Senhor da Terra vive’, encontrado em Ugarit.¹⁰⁶

A inserção do monoteísmo como crença do povo de Israel foi um processo longo e gradual. Assim como nas diversas cidades-reinos de Canaã era diversificada a cultuação idolátrica. Na Bíblia, desde Abraão, já se nota os indícios de uma tentativa de monolatria.

Esta é, na verdade, a história da passagem do politeísmo à monolatria e desta ao monoteísmo. Politeísmo é um termo mais conhecido, significa a crença na existência de vários Deuses e o culto a eles. A monolatria, na verdade, ainda crê na existência de vários Deuses, porém, opta por adorar somente a um desses Deuses – é o mesmo que henoteísmo. No caso de Israel, optou-se por adorar somente a Javé, em detrimento de outros Deuses e Deusas que foram adorados ali por muitos séculos, ou eram adorados pelos povos vizinhos. O monoteísmo rompe com o politeísmo, porque crê na existência de um Deus único, e não admite a existência de outras divindades.¹⁰⁷

Na narrativa do livro do Gênesis (18,1-16) – narrativa esta já abordada no primeiro capítulo deste estudo – nota-se que aparecem três seres com aspectos humanos, porém, somente o nome de *El* é citado.

¹⁰⁶ REIMER, 2009, p. 41.

¹⁰⁷ DIETRICH, 2020, p. 71.

Entretanto, não é excluída a existência de outras divindades nesse contexto.

Para Baentsch, a religião monoteísta de Abraão representa um ramo cananeu da religião veterobabilônica do culto do deus Sin de Ur e de Harran. Os predicados divinos de El Elion, El Schadai, Elohim pressupõem claramente o antigo monoteísmo cananeu e o monoteísmo vetero-oriental; isso prova suficientemente que em Canaã, no fim do terceiro milênio, havia uma forma cananea do antigo monoteísmo oriental. O avanço que trouxe a religião de Abraão, foi depurar um pouco o monoteísmo, isto é, a um monoteísmo, que não negava a existência teórica de muitos deuses, agora ela se concentra subordinadamente à adoração de *summus* Deus, tornando essa adoração sem sentido.¹⁰⁸

A monolatria era assumida no período patriarcal com a cultuação clânica e tribal, ou seja, cada clã tinha seus deuses próprios para prestação de culto. Assim, somente quando foi se estabelecendo o meio de vida sedentário, é que os deuses começam a ser nomeados. Porém, sem uma compreensão profunda de teologia sistematizada.

Quanto à época dos patriarcas, não ultrapassamos as suposições. Dos diversos grupos de que se formou Israel, cada um adorava o deus particular de seu clã. Chamavam-nos de ‘o deus do pai’, ‘o deus do pai Abraão’ ‘o terror de Isaac’, ou ‘o touro de Jacó’. Era o politeísmo normal entre os nômades, como vimos antes. Ao se dar a fusão do povo, também os deuses dos clãs se recolheram entre si ou se amalgamaram. Ao ficarem sedentários, o deus dos pais foi identificado com Ilu, El, o Deus criador.¹⁰⁹

Ao passo que a cultuação do deus das estepes de *Tsapanu* se encontra com o deus das estepes do *Sinai*, se torna inevitável que os atributos revelados pela divindade Sinaítica sejam assimilados na

¹⁰⁸ TERRA, 2015, p. 258.

¹⁰⁹ TERRA, 2015, p. 333.

complementação da divindade Ugarítica, levando a uma revelação de que o deus do norte é o mesmo deus do sul. Porém, o deus do sul (YHWH), se revela com atribuições que o deus do norte (*El*) não se revelara ao povo ainda. Assim, YHWH é sábio, mas também ciumento e deseja exclusividade.¹¹⁰

3.1 A CONSTRUÇÃO DO MONOTEÍSMO SEGUNDO O LIVRO DO DEUTERONÔMIO

No decorrer da história deuteronomista, a revelação da necessidade de uma divindade exclusiva ao povo assume aspectos sociais. Vale lembrar a história da saída do povo do Egito, guiado por Moisés e, posteriormente, por Josué, na qual YHWH conduz como um “rei” conduziria seu povo (narração essa, contida no livro bíblico do Êxodo). O escritor deuteronomista culmina a ideia de uma única e exclusiva cultuação a um único e verdadeiro Deus. No livro do Deuteronomio (6,4), o autor apresenta claramente a fusão entre *El* e YHWH, formando esse Deus único e verdadeiro.

Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh! Portanto, amarás a Iahweh teu Deus como todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força!¹¹¹

Dois fatos são necessários para compreender esse texto do Deuteronomio acima citado: primeiro, se refere a Israel, povo do norte que cultuava a *El*. A ideia da divindade proveniente das estepes de *Tsapanu* que era cultuada no norte, diferia de YHWH, cultuada na região do sul. Segundo, o autor relata a fusão das duas divindades na tentativa de unir o povo do norte com o sul. Na língua hebraica, os termos “Iahweh nosso Deus é único Iahweh” são escritos *Adonai Eloheinu Adonai Echad*. Aqui fica evidente que as variantes dos nomes *El (Eloheinu)* e YHWH (*Adonai*) são apresentadas como sendo o mesmo Deus.¹¹²

¹¹⁰ Cf. TERRA, 2015, p. 333.

¹¹¹ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 266; Dt 6,4.

¹¹² Cf. RÖMER, 2016, p. 197ss.

Essa forma sincrética entre El e YHWH provavelmente foi assumida por grupos que constituem o Israel das origens, sendo, posteriormente transposta, assumida e difundida nos inícios do período monárquico nos tempo de Davi e Salomão.¹¹³

Entretanto, no caminho trilhado na saga do povo hebreu, urgem necessidades organizacionais para ordenar a conduta do povo, sendo necessária a intervenção divina e a aplicação do código de conduta moral ao povo – as tábuas da Lei – como primeiro passo de ordem. Ao passo que o povo se fixa na porção territorial, ou seja, deixam de ser nômades e se firmam como sedentários, YHWH também passa a habitar um espaço sedentário, o Templo.

O templo e a Lei são defendidos como uma só realidade. Tal junção colabora para construir e justificar os ideais de um povo apartado de qualquer vínculo religioso e social que não esteja em sintonia com a ideia de edificar um “povo consagrado a Javé” (Dt 7,6)¹¹⁴

A ordem de organização do Templo segue um caminho de zelo e cuidado social, para não cair na escravização do povo. Desde o modelo do altar para sacrifícios, YHWH pensa no viés da justiça perante seu povo enquanto indica como construir o Templo e a sociedade. Nesse processo organizacional, a sociedade hebraica encontra o caminho para o seu desenvolvimento político e econômico. Espelhado na revelação de YHWH ao povo, o governo teocrático sacerdotal conduz o povo pela Lei e com centralidade no Templo. “O Deuteronômio primitivo se opõe, de fato, à pluralidade da manifestações do divino, propondo um único lugar de culto.”¹¹⁵

Essa afirmativa de correspondência entre YHWH e o povo hebreu, fundamenta a ideia já contida no livro do Êxodo (20,25-26), segundo a qual o povo é orientado à “Lei do Altar”:

¹¹³ REIMER, 2009, p. 41.

¹¹⁴ FRIZZO, Antônio C. A Província de Yehud. In: NAKANOSE, Shigeyuri et al. **Uma história de Israel: Leitura crítica da Bíblia e arqueologia**. São Paulo: Paulus, 2022. p. 241.

¹¹⁵ RÖMER, 2016, p. 198.

Se me edificares um altar de pedra não o farás de pedras lavradas, porque, se levatares sobre ele o cinzel, profaná-lo-ás. Não subirás degrau do meu altar, para que não se descubra tua nudez.¹¹⁶

Nota-se que a proibição dada por YHWH está intimamente ligada a condição social da época. O não construir altar de pedra lavrada, remete às circunstâncias de vida do povo hebreu que, por ser formado de pastores e agricultores, não era versado no trabalho artesanal. Desse modo, YHWH não quer que seu povo seja escravizado no trabalho para pagar o artesão. Mas permite o altar feito de terra, sem o uso de cinzel, algo que seria fruto do trabalho do povo, sem levar à exploração ou escravidão.¹¹⁷

Em Deuteronômio (12,2-5), há uma instrução de posse, destruição e resignificação dos locais onde, anteriormente, eram prestados cultos de adoração aos deuses politeístas, como se pode constatar a seguir:

Devereis destruir todos os lugares em que as nações que ireis conquistar tinham servido aos seus deuses, sobre os altos montes, sobre as colinas e sob toda árvore verdejante. Demolireis seus altares, despedaçareis suas estelas, queimareis seus postes e esmagareis os ídolos dos seus deuses, fazendo com que o nome deles desapareça de tal lugar. [...] Em relação a Iahweh vosso Deus não agireis desse modo. Pelo contrário: buscá-lo-eis somente no lugar que Iahweh vosso Deus houver escolhido, dentre todas as vossas tribos, para aí colocar o seu nome e aí fazê-lo habitar.¹¹⁸

A predileção de YHWH pelo povo, apresentada no texto acima, remonta a ideia de estar próximo de seu povo, propriamente ligada ao cuidado, fazendo com que o próprio Deus deixe sua estepe – seja do monte *Tsapanu*, ao norte; seja do monte Sinai, ao sul – e se estabeleça em um novo local, uma nova estepe: o monte Sião.

Essa prescrição opõe, antes de tudo, a totalidade ou a multidão dos lugares sagrados (*kol-māqôm*) ao santuário que Yhwh escolherá numa única tribo. O *māqôm* visa aqui nada mais do que o templo de

¹¹⁶ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 131-132; Ex 20,25-26.

¹¹⁷ Cf. DIETRICH, 2020, p. 33.

¹¹⁸ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 273-274; Dt 12,2-5.

Jerusalém, e a tribo ‘una’ só pode designar o (reino de) Judá. A mesma ideologia se encontra no Salmo 78, onde Yhwh se recusa a escolher Efraim (o Norte), e escolhe ‘a tribo de Judá e o monte Sião, que ele ama’. (v.68). O autor da lei sobre a centralização retoma, por sua conta, a tradição da eleição de Sião, mas a transforma, pois faz dela uma eleição exclusiva que interdita qualquer outro santuário.¹¹⁹

A mudança da sede da montanha onde a divindade habita, para o monte de Sião, é uma tentativa de aproximar os diversos cultos, em um único local, do mesmo modo que a sede do governo do reino muda para Jerusalém, na tentativa de aproximar-se de todo o povo unificado. Assim também YHWH-El busca a centralidade de seu local de habitação para aproximar a todos. Como um Rei e Pai que está preocupado com seu povo e seus filhos. O Salmo 87 apresenta a importância que a revelação da nova habitação de Deus passa a ter na ressignificação do culto e da política do povo.

Fundada sobre as montanhas sagradas,
Iahweh ama
as portas de Sião
mais que todas as moradas de Jacó.
Ele conta glórias de ti,
ó cidade de Deus:
‘Eu recorro Raab e Babilônia
entre os que me conhecem;
eis a Filisteia, Tiro e Etiópia,
onde tal homem nasceu’.¹²⁰

O caminho trilhado no livro do Deuteronômio é uma graduada formação e passagem do politeísmo para a monolatria. Segundo Haroldo Reimer, somente no século IX a.C. é que começam os conflitos de cultuação das divindades como se nota entre o culto de Baal.¹²¹ Assumindo uma identidade cultural e religiosa impar na tradição do povo e na conduta social.

¹¹⁹ RÖMER, 2016, p. 201.

¹²⁰ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 955; Sl 87,1b-4.

¹²¹ Cf. REIMER, 2009, p. 41.

3.2 A MONOLATRIA NA MONARQUIA DE ISRAEL E JUDÁ

Antes de adentrar na história da passagem para a monolatria, é necessário, primeiramente, compreender a diferença entre monolatria e monoteísmo.

As duas palavras são compostas por dois elementos gregos, sendo o último (-ismo) igual para ambas. Em grego, henós significa um (entre muitos outros); monós também significa um, mas não entre outro, e sim único.¹²²

A história da formação do povo hebreu, remete à cultuação de YHWH como Deus assumido pelo reino e em consequência, pelo povo, aproximadamente do ano de 950 a.C. em Judá e 841 a.C. em Israel.¹²³ Nesse período, para justificar as ações de violência implicadas pelos reis, fundamentam-se escritos deuteronomistas para reger a conduta do povo. Na assimilação da monolatria, entre tais passagens deuteronomistas, pode-se observar: primeiro, quando YHWH manda invadir, expulsar e destruir as sete nações mais numerosas que o povo hebreu e seus altares de culto (*cf.* Dt 7,1,6); segundo, quando YHWH manda destruir os templos e os ídolos (*cf.* Dt 12,2-3); terceiro, na instrução de moralidade de culto (*cf.* Dt 13,7-11); quarto, nas orientações de culto dentro do território dado por YHWH (*cf.* Dt 18,9-12). Constituindo assim um movimento de discriminação e violências em nome de Deus.¹²⁴

Durante o governo do rei Davi (+/- 950 a.C.), os primeiros resquícios da consolidação de um único Deus e culto começam a se estabelecer no reino unificado. A transferência da capital do reino – nesse período unificado – para Jerusalém, não significa somente uma aproximação centralizada do reino para acolher Judá e Israel, mas vai além, entra em conflito com a cultura e religião canaanita, concluindo assim, o fim da conquista de Canã.¹²⁵

¹²² BORTOLINI, José. **Faces de Deus no Antigo Testamento**. Aparecida: Santuário, 2021. p. 32.

¹²³ *Cf.* DIETRICH, 2020, p. 72.

¹²⁴ *Cf.* DIETRICH, 2020, p. 72-73.

¹²⁵ *Cf.* BRIGHT, John. **História de Israel**. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 249.

A narrativa de 1Sm 5,2 reporta que os filisteus depositaram a arca ‘perto de Dagon’, no templo de Dagon, o Deus oficial dos filisteus. E em 1Sm 5,3-4, o relato hebraico repete que por duas vezes os filisteus encontraram Dagon ‘caído de bruços’ para a terra, diante da arca.¹²⁶

A derrota de *Dagon* dentro de seu templo, será também um espelho da derrota sofrida por Golias diante de Davi, e assim, a derrota dos filisteus perante os hebreus (cf. 1Sm 17).

Na luta entre Davi e Golias, o hebraico, em 1Sm 17,49, usa praticamente a mesma frase para descrever a maneira como o representante do Deus Dagon cai diante de Davi, basicamente da mesma forma como o Dagon caiu diante da arca de Javé dos exércitos. Apesar de ter levado uma pedrada na testa, tão violenta que a ‘pedra cravou-se na testa do filisteu’, o filisteu cai pra frente: ‘De bruços no chão’ (1Sm 17,49). Isso é reforçado pelo fato de, pouco antes desse desfecho, os dois guerreiros terem se assumido como representantes de seus Deuses.¹²⁷

Ao analisar a história do profeta Elias – “O próprio nome de Elias parece ser um programa religioso: “Meu Deus [El] é YHWH” (1 Reis 19,10.14).”¹²⁸ – o profeta, é enviado ao rei Acab (+/875 a.C.), rei do norte, para que YHWH fosse assumido como único e verdadeiro Deus. Após essa cena, há o convite ao povo para subir a montanha, ou seja, um prelúdio de estar próximo de YHWH. Ali há o confronto de Elias contra os sacerdotes de *Baal* (cf. 1Rs 18).¹²⁹

Ao derrotar os sacerdotes de *Baal*, o profeta Elias mostra que existe apenas um Deus verdadeiro, ativo, vivo, que se manifesta ao povo, vindo ao encontro de quem o cultua e invoca. Este poderia ser designado o marco de passagem da monolatria para o monoteísmo. “O monoteísmo rompe com o politeísmo, porque crê na existência de um Deus único, e não admite a existência de outras divindades.”¹³⁰ Deus não é mais um, na

¹²⁶ DIETRICH, 2020, p. 79

¹²⁷ DIETRICH, 2020, p. 79.

¹²⁸ REIMER, 2009, p. 42.

¹²⁹ Cf. BROWN, 2007, p. 369.

¹³⁰ DIETRICH, 2020, p. 71.

pluralidade dos deuses presentes nos panteões, mas um Deus único, Deus-Pai e Deus-Rei, soberano e criador. Entretanto, é necessário que o culto a YHWH seja assumido como religião oficial do reino e da família real.

O capítulo 18 deixa em aberto a lealdade de Acab. Aqui tudo vem claramente: ele continua ligado à causa baalista de sua rainha. Certamente, a rápida fuga de Elias e sua última queixa contra Israel sugerem que mesmo a conversão do povo a Iahweh não é confiável.¹³¹

O ato do rei de assumir o culto a YHWH como Deus da família real e, conseqüentemente, Deus do reino e do povo, dá a credibilidade da monarquia teocrática. Como o rei Acab não assume a lealdade a YHWH, nem deixou de lado a causa defendida pelos sacerdotes de *Baal*, reforçada por sua esposa, a rainha Jezabel, sua credibilidade torna-se duvidosa e inconfiável.¹³² Ora, se o rei não assume a divindade, o povo fica livre para cultuar quaisquer divindades. Ruindo assim a tentativa de Elias de oficializar o monoteísmo, na exclusividade de culto a YHWH, como religião oficial do rei e do reino.

Mais surpreendente ainda parece o fato de não ter havido nenhuma reprovação por parte das ordens proféticas, que nunca hesitaram no passado em resistir ao Estado em nome de Iahweh. A maior parte delas parece ter sido capitulado completamente diante da ordem existente. Podemos apenas supor que, tendo resistido a Jezabel até a morte e tendo visto seus fins imediatos alcançados pelo expurgo de Jeú, elas se satisfizeram muito facilmente e, cegas para o fato de que o paganismo ainda permanecia e alegrando-se com o ressurgimento de Israel, tinham colocado seu fervor patriótico a serviço do Estado e dando a este serviço a bênção de Iahweh; incapazes de criticar os seus oráculos nacionalísticos, contribuía para a complacência geral.¹³³

¹³¹ BROWN, 2007, p. 369.

¹³² Cf. REIMER, 2009, p. 41.

¹³³ BRIGHT, 2003, p. 318.

A narrativa da época do rei Jorão (Reino de Judá +/- 845 a.C.), traz também, uma tentativa de implantar o monoteísmo como culto nacional. Nesse período, o Reino do Norte (Israel) vivia uma dinastia aliada com os fenícios, a dinastia de Amri, que adotara as divindades de *Baal* e *Asherá* como divindades oficiais do reino (cf. 1Rs 16,31-33; 18,19; 2Rs 10,25-27).¹³⁴ Nesse período, surge a reforma do rei Jeú, com o intuito de exterminar a dinastia Amrida. Sendo assim, a estátua de Baal é derrubada do templo de YHWH na cidade da Samaria.¹³⁵

A narrativa se esmera em descrever uma série de massacres, que culminam com a destruição do santuário de Baal, das imagens de Baal e de *Asherá*, e a instituição de Javé, o Senhor, como Deus oficial, como Deus da família do rei, também em Israel (2Rs 9,1-10,31). A partir dessa época, Javé, o Senhor, é o Deus oficial tanto da Dinastia de Davi, em Jerusalém e em Judá, como da dinastia de Jeú, na Samaria, em Israel.¹³⁶

Um século após o reinado de Jeú, no período de Facéia, rei do norte – aproximadamente no ano 755 a.C. – aparece o profeta Oséias. Em suas profecias, Oséias trata da infidelidade do reino do norte para com YHWH. Através da alegoria da esposa que trai seu esposo, Oséias aponta para o povo que trai a Aliança feita com YHWH (cf. Os 3,1-3). “Um novo ataque à idolatria começa com um dito sobre a loucura dos rituais orgíacos de fertilidade.”¹³⁷ Oséias irá acusar Israel de ser adúltero. Pois se entrega a outros deuses como a esposa adúltera se entrega a outro homem.

Descrevendo o vínculo da aliança como um matrimônio, ele declarou que Iahweh, sendo ‘casado’ com a nação de Israel, esperava dela fidelidade que um marido espera de sua esposa, mas que a nação de Israel, adorando outros deuses, cometeu ‘adultério’ e, por isso, estava sujeita à ‘separação’, à ruína nacional (Os 2,2-13). Oséias insurgiu-se contra o culto de Baal, o culto

¹³⁴ Cf. DIETRICH, 2020, p. 81.

¹³⁵ Cf. REIMER, 2009, p. 42.

¹³⁶ DIETRICH, 2020, p. 81.

¹³⁷ BROWN, 2007, p. 461.

paganizado de Iahweh e toda corrosão moral que o paganismo facilitava (Os 4,1-14; 6,8-10; 8,5ss), acusando Israel de ter esquecido os benefícios de Iahweh (11,1-4; 13,4-8) e afirmando que Israel não era mais o seu povo (1,9).¹³⁸

Na mesma época do profeta Oséias, no reino do norte, o rei Ezequias reina no reino do sul e é ele quem oficializa a monolatria em Judá, por volta do ano 720 a.C. Neste período os Assírios ocupavam seu território. Por esse motivo, o rei sonha com um reino de Judá livre do domínio social e político dos Assírios, bem como, com a cultuação exclusiva a YHWH, em Jerusalém. “Nesse contexto de resistência, situa-se a sua reforma. Ezequias prepara-se para uma guerra com o exército assírio.”¹³⁹

A ideia é que, para ter a proteção de Javé contra o poderoso Império Assírio, Judá deve fazer uma Aliança de adoração exclusiva a Javé, ser o povo de Javé, para que Javé seja o Deus de Judá (2Rs 18,3-6; 2 Cr 29,1-31,1).¹⁴⁰

O sucessor de Ezequias, Manassés (687-642 a.C.), não deu continuidade a este projeto. Ele teve um governo submisso aos Assírios (cf. 1Rs 3-11).¹⁴¹ Somente “Sob Josias, a independência de Judá foi um fato.”¹⁴² A reforma adotada por ele engloba a mais completa esfera de renovações e condução de ordem, tornando-se a reforma mais completa que Israel já teve.

De acordo com o autor do Livro dos Reis (2Rs 22,3), a reforma realizou-se no décimo oitavo ano de Josias (622), quando, durante obras de reparo no templo, foi encontrada uma cópia do ‘livro da lei’. Levando à atenção do rei, o livro despertou-lhe a mais profunda consternação. Tendo consultado o oráculo, convocou os anciãos do povo para o templo, leu-lhes a lei e, juntamente com eles, fez

¹³⁸ BRIGHT, 2003, p. 320.

¹³⁹ DIETRICH, 2020, p. 83.

¹⁴⁰ DIETRICH, 2020, p. 83.

¹⁴¹ Cf. DIETRICH, 2020, p. 85.

¹⁴² BRIGHT, 2003, p. 381.

uma aliança com Iahweh para prestar-lhe obediência. Tem-se a solene impressão de que essa lei foi a base das várias medidas que ele tomou e que todas elas foram levadas a efeito no mesmo ano (cf. 2Rs 23,23).¹⁴³

Com a saída dos assírios do Egito e das terras do rei do sul e do norte, o faraó anseia em tomar posse das terras hebraicas. O rei Josias, então, terá que enfrentar o faraó.¹⁴⁴ YHWH passa a ser, assim, novamente, o Deus de Israel. Com o domínio dos reinos do norte e do sul, Josias se insurge contra os santuários dos deuses adorados no norte. “Com o ‘Livro da Aliança’, busca-se inscrever no passado, com ordem dada por Javé, as reformas que Josias estava decidido a implantar em nome de Javé (2Rs 23,1-3).”¹⁴⁵ No período do rei Josias é que, provavelmente, foram escritos alguns textos do Pentateuco e dos Livros Históricos que justificam e fundamentam as ordens de YHWH para o extermínio dos cananeus.¹⁴⁶

3.3 O MONOTEÍSMO COM O DÊUTERO-ISAÍAS

Por volta do ano 538 a.C., em meio à queda do domínio Babilônico e à ascensão de Ciro II, rei da Pérsia, surge o chamado Dêutero-Isaías.¹⁴⁷ Durante o cativeiro Babilônico, em meio às condições sociais que o povo enfrentava, a limitação do culto era a que mais sobressaía. No Salmo 137, há o relato de que os Babilônicos exigiam que cantassem um hino de Sião, em forma de zombaria, como uma forma de dizer: Onde está o Deus de Sião que não os liberta? Numa tentativa de persuasão para que o povo hebreu deixasse de cultuar a YHWH. Entretanto, o protagonismo do segundo Isaías está mais intimamente ligado ao período de Ciro II.¹⁴⁸ O Dêutero-Isaías assume a condição de oráculo para prover a libertação do povo hebreu perante o rei Ciro, e como profeta para confortar e orientar o povo à fidelidade.¹⁴⁹

Sobe a um alto monte,

¹⁴³ BRIGHT, 2003, p. 383.

¹⁴⁴ Cf. DIETRICH, 2020, p. 85.

¹⁴⁵ DIETRICH, 2020, p. 86.

¹⁴⁶ Cf. DIETRICH, 2020, p. 86.

¹⁴⁷ Cf. MISSIONÁRIOS CAPUCHINHOS, (QUERO SABER), não paginado.

¹⁴⁸ Cf. RÖMER, 2016, p. 213.

¹⁴⁹ Cf. BRIGHT, 2003, p. 425.

mensageira de Sião;
 eleva tua voz com vigor,
 mensageira de Jerusalém;
 eleva a voz, não temas; dize às cidades de Judá:
 ‘Eis aqui o vosso Deus!’
 Eis que o Senhor Iahweh: ele vem com poder,
 seu braço assegura a sua autoridade;
 eis com ele o seu salário,
 diante dele a sua recompensa.¹⁵⁰

DIETRICH diz que “Em Is 40-55, estão as afirmações monoteístas mais antigas da Bíblia hebraica.”¹⁵¹ RÖMER complementa dizendo que “A reflexão monoteísta mais avançada da Bíblia hebraica se encontra na segunda parte do livro de Isaías (capítulos 40-55), geralmente chamada de Dêutero-Isaías.”¹⁵² Tal organização dos fatos sobre a expressão e a importância dos textos do Dêutero-Isaías apontam para uma revelação de conhecimentos, sabedoria e teologia. A essa visão, TERRA remete o seguinte: “A partir do Dêutero-Isaías, passa-se a pensar monoteisticamente”.¹⁵³ O decurso desses escritos atribuídos ao Dêutero-Isaías apresenta um núcleo com base na propaganda da chegada de Ciro II à Babilônia, contido no *Cilindro de Ciro*.¹⁵⁴

Enquanto o Cilindro de Ciro afirma que Marduc tomou Ciro pela mão, em Is 45,3 lê-se: ‘Assim diz Yhwh a seu ungido, a Ciro que tomei pela destra’; como Marduc ‘nomeia’ Ciro, também Yhwh o chama pelo nome. O cilindro afirma que Marduc ‘ submeteu a seus pés a terra de Guti e as tropas dos medas’, IS 45,1 afirma que Yhwh escolheu Ciro ‘para subjugar a ele as nações’. Segundo o cilindro, Marduc ‘o fez apascentar com justiça e retidão’; Yhwh diz de Ciro: ‘é meu pastor’ (Is 44,28). No cilindro, é dito que Marduc irá sempre a seu lado, enquanto Yhwh promete a Ciro: ‘Eu mesmo irei na tua frente’ (Is 45,2).¹⁵⁵

¹⁵⁰ A BÍBLIA de Jerusalém, p. 1314; Is 40,9-10.

¹⁵¹ DIETRICH, 2020, p. 88.

¹⁵² RÖMER, 2016, p. 213.

¹⁵³ TERRA, 2015, p. 335.

¹⁵⁴ Cf. RÖMER, 2016, p. 213.

¹⁵⁵ RÖMER, 2016, p. 213.

O Dêutero-Isaías assume pública e claramente a dinâmica monoteísta. Com o intuito de consolar e orientar o povo para a permanência no culto a YHWH, afirma: as atribuições de Deus com poder incomparável; criador de tudo; Senhor do céu e da terra; nenhum humano teria maior poder (*cf.* Is 40,12-26); repercutindo no amadurecimento da fé e da religião de Israel. também apresenta o erro do culto aos ídolos de madeira e metal (*cf.* 40,19ss; 46,5-7) que não poderiam ser deuses na história humana, pois não eram nada além que estátuas inanimadas (*cf.* 41,21-24). Assim, Dêutero-Isaías revela a todos que YHWH é o primeiro e o último, e que YHWH é o único Deus (*cf.* Is 44,6; 45,18-22; 46,9).¹⁵⁶

3.4 O CAMINHO PERCORRIDO ENTRE O POLITEÍSMO ATÉ O MONOTEISMO: UMA RELEITURA DO PANTEÃO DE ISRAEL

Na era politeísta que impregnava Israel, antes de se instaurar um governo monárquico e, conseqüentemente, a política e a sociedade israelita evoluir no conhecimento da revelação da divindade, possuía uma organização de deuses em um panteão próprio influenciado pelo panteão de Ugarit.

Os quatro níveis do panteão pré monárquico em Israel podem ser vistos assim:

Nível 1: El e Aserah

Nível 2: Baal, Astarte, Shalim, Reshep e deber Yahweh, o estrangeiro de Edom/Mídia/Parã/Seir/Sinai.

Nível 3:?

Nível 4: Mensageiros (anjos) e servos.¹⁵⁷

SMITH, aborda essa temática como um progressivo ciclo no qual, YHWH vai sendo entendido como Deus, e ganhando espaço no Panteão. A divindade estrangeira assume sua posição de estrangeiro para “governar suas nações além de Israel”¹⁵⁸ revelando-se como Senhor universal, com poder grandioso. A soberania de YHWH vai alcançando novas compreensões e adquirindo lugar de destaque na primeira metade da monarquia. Com a assimilação de YHWH e El serem a mesma personificação da divindade.

¹⁵⁶ *Cf.* BRIGHT, 2003, p. 425.

¹⁵⁷ SMITH, 2006, p. 156-157.

¹⁵⁸ SMITH, 2006, p. 159.

A primeira metade da monarquia mostra uma mudança para Yahweh-El como o deus principal:
 Nível 1: Yahweh-El, o rei dos Deuses, e sua consorte, Aserá;
 Nível 2: Sol, lua e a hoste do céu;
 Nível 3: ?
 Nível 4: Mensageiros (anjos), Resheph e Deber.¹⁵⁹

Nitidamente a evolução de pensamentos na estrutura do panteão Israelita sofre uma modificação, inclusive, quase totalmente livre da estrutura e divindades presentes no panteão canaanita. Nota-se que *Resheph e Deber*, deixam de pertencer ao Nível 2, onde eram vistos como divindades e agora prefiguram no Nível 4, de criaturas serviçais. Outro ponto a ser notado é que as demais divindades do Nível 2 cederam seus lugares para os astros e estrelas do céu, atribuindo ao cosmo a participação da estrutura de organização e governo divino.

No final da monarquia, vemos no mínimo dois modelos de panteão em conflito. O primeiro se parece com o modelo anterior do início da monarquia:
 Nível 1: Yahweh-El e Aserá e/ou a Rainha do Céu
 Nível 2: Sol, lua e estrelas
 Nível 3: ?
 Nível 4: Mensageiro (anjos) e servos¹⁶⁰

Por fim, o quarto e último molde de como o monoteísmo se consolidou com um Deus Único Universal, excluindo quaisquer divindades pertencentes a outros panteões, sem também, colocar no segundo nível, colaboradores dos orbes celestes com poderes divinos.

Em contraste, o panteão israelita imaginado pelo Deuteronômio e talvez advogado durante o final da monarquia de Josias parece consideravelmente diferente:
 Nível 1: Yahweh-El
 Nível 2: Zero
 Nível 3: ‘O Satã’ (Jó 1-2; Zacarias 3)
 Nível 4: Mensageiros (anjos) e servos¹⁶¹

¹⁵⁹ SMITH, 2006, p. 162-163.

¹⁶⁰ SMITH, 2006, p. 168.

¹⁶¹ SMITH, 2006, p. 168.

Esta evolução do trajeto percorrido na organização do panteão de Israel, apresenta de forma concisa os passos que a mentalidade e a cultura do povo de Israel se submeteu para purificar a fé e a religiosidade. Bebendo na fonte da revelação de Deus e descartando o que não condiz com a estrutura lógica da revelação. Para tanto, o desenvolver do pensamento monoteísta assume proporções que impulsionam a fé e o senso crítico de um povo que reconhece YHWH-EL como seu Senhor e Deus, seu Rei e Pai, seu Juiz e Sábio, seu Guerreiro e Pacificador.

Portanto, no decorrer da história do povo hebreu, também conhecido como *Povo de Deus*, foi de suma relevância cada contribuição de patriarcas, reis e profetas para amadurecer o entendimento da revelação de YHWH como Deus Único para o povo. YHWH se revela em diferentes modos, pessoas e lugares. Embora o povo demorasse para compreender que YHWH se apresentaria da maneira que fosse necessária se revelar. Afinal, Deus se revela a Moisés com a terminologia “eu serei quem eu serei”¹⁶² que aponta para a evolução da compreensão da revelação divina. Nota-se que a teologia construída através da revelação monoteísta alcança seu cume com o Dêutero-Isaías, “Porém, a prática da teologia monoteísta foi implantada, como teologia oficial de Israel, somente no período do segundo templo, provavelmente na época de Esdras”¹⁶³ (+/- 400 a.C.). Sendo assim, Dêutero-Isaías é o ponto fundamental na história de Israel oficializando o monoteísmo.

¹⁶² MOFFIC, 2023, p.77.

¹⁶³ DIETRICH, 2020, p. 71.

CONCLUSÃO

O caminho traçado historicamente, desde Abraão até chegar no pós exílio Babilônico, revela muito mais que a historicidade dos fatos. Vai além, constrói a cultura e a religiosidade de um povo, o povo hebreu, o povo de Israel. O êxodo de Abraão das terras de Harã, estão fundamentados nos textos do reino de Mari e, conseqüentemente, nos textos de Ugarit e Ebla. Um grupo de seminômades arameus que parte em busca de um lugar para se estabilizar, acaba conhecendo a cultura religiosa de Canaã.

Todavia, é o próprio Deus que se apresenta e se revela a Abraão. Um Deus que, para os Canaanitas é adorado e nomeado de *El*, mas que a Abraão revela o jeito de conduzir sua descendência, com sabedoria, pois ele é o perfeito sábio; com paciência, pois é exemplo de paz, como ancião, pois ele é o primeiro entre os deuses do Panteão; mas, acima de tudo, um Deus misericordioso que exala misericórdia na vida de Abraão e Sara.

El, o Deus que habita a montanha do *Tsapanu* no norte de Canaã, é um Deus que, com sabedoria rege toda a região do Crescente Fértil. Essa fertilidade é prometida a descendência numerosa de Abraão. Da mesma forma *El* se revela a Jacó como Deus da bênção, o Deus dos pais, mas também, como Deus Altíssimo.

Ao passo que a descendência de Abraão chega ao Egito, somado com a escravidão a que é submetida, a pessoa de Moisés é de suma importância na continuação da revelação divina. Habitando o monte Sinai, outra revelação da divindade surge: YHWH. Revelando-se com traços de um Deus jovem, guerreiro e punitivo, assume a postura de um monarca para libertar o povo da descendência Abraâmica.

O avanço da compreensão social e política do povo agora conduzido pelo deserto, em busca de uma terra prometida, fará que um Código ético e moral seja implantado no dia-a-dia do povo. YHWH entrega as Leis a Moisés. O cenário de conquistas de um Senhor-Guerreiro ou Senhor dos Exércitos, vai consolidando com as diversas conquistas citadas no livro de Josué.

No transcorrer da História do Povo de Israel, essas duas expressões da divindade foi assumindo e se revelando como uma complemento da outra, passando assim, a constituir primeiramente um politeísmo, pois eram cultuados juntamente com os demais deuses das culturas circunvizinhas. Entretanto, o Deus do monte *Tsapanu* e o Deus do monte Sinai, com a unificação das doze tribos em um único Reino, passam a ser compreendidos como um Único Deus, habitando no monte da cidade-sede do reino: no monte Sião, na cidade de Jerusalém, onde o templo foi

construído. Deixa assim, de ser politeísta e passa a uma religião monolátrica.

Com os profetas e os escritos deuteronomistas, YHWH passa a ser visto como o Deus Único e Verdadeiro. Essa abordagem extirpa aos poucos os cultos idolátricos em vilarejos e cidadelas. Seu ápice é a organização teologal do monoteísmo Israelita nos escritos do Segundo Isaías, após o Exílio Babilônico é reconstruído o Templo com o Rei Neemias

Portanto, Deus se revela ao longo da história, dependendo da necessidade do povo, do contexto de época vivenciado. Assim, quando se depara com o questionamento de seu nome, Deus se revela além do que uma palavra possa definir, ele é *ehyeh asher ehyeh* ou seja, *Eu Serei quem Serei*, sendo muito mais que a razão humana possa defini-lo. Deste modo, Ele é o Ancião, o Sábio, o Pai de Misericórdia, o Altíssimo, mas também, o Jovem, o Guerreiro, o Deus-Sol, o Deus-Rei, o Soberano, o Senhor dos Exércitos, o Deus das Tempestades. Enfim, Deus será o que Ele deverá ser no momento de sua Revelação. O Deus do *Tsapanu*, do Sinai e de Sião.

REFERÊNCIAS

BORTOLINI, José. **Faces de Deus no Antigo Testamento**. Aparecida: Santuário, 2021.

BOUDART, André. Bíblia. In. ELOIM, ABADIA de Maredsous (Dir.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Ary E. Pintarelli, Orlando A. Bernardi. São Paulo: Loyola; Paulus; Paulinas, 2013.

BRIGHT, John. **História de Israel**. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2003.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo Comentário bíblico São Jerônimo – Antigo Testamento**. Trad. Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda; Paulus, 2007.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 1999.

CHAMORRO, Graciela. Teologia e representação. In: **Imaginários da divindade**. Ivone Richter Reimer Org. Goiânia: UCG, São Leopoldo: Oikos, 2008.

CORDEIRO, Ana L. A. Asherah, a Deusa proibida in: **Imaginários da divindade**. Ivone Richter Reimer Org. Goiânia: UCG, São Leopoldo: Oikos, 2008.

DEL OLMOLETE, Gregorio. *Mitos e Leyendas de Canaan*. Madrid: Cristiandad, 1981.

DIETRICH, Luiz J.; DA SILVA, Rafael R. **Em busca da Palavra de Deus – uma leitura do Deuteronomio entre contradições, ambiguidades, violências e solidariedades**. São Paulo: Paulus, 2020.

ECHEGARAY, Joaquín G. **O Crescente Fértil e a Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FOHRER, Georg. **História da Religião de Israel**. Trad. Josué Xavier. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2006.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **O livro do Gênesis**: Cadernos de estudos bíblicos. Trad. Alessandra Lass. Campinas: Ecclesiae, 2015.

KAEFER, Ademar José. **As cartas de Tell el-amarna** – e o contexto social e político de Canaã antes de Israel. São Paulo: Paulus, 2019.

_____. **A Bíblia, a arqueologia**: e a história de Israel e Judá. São Paulo: Paulus, 2015.

KELLER, Werner. **Arqueologia Bíblica**: dos patriarcas ao umbral da Terra Prometida. Trad. Maria Julia Braga. Catalunya: Ediciones Folio. 2008.

LÉON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de teologia bíblica**. Trad. Simão Voigt. 2 Ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

MISSIONÁRIOS CAPUCHINHOS. **A história do povo de Deus** – linha do tempo. Vacaria: (QUERO SABER).

MOFFIC, Evans. **Lendo o Antigo Testamento sob a ótica judaica** – um estudo da bíblia que Jesus lia. Trad. Robinson Malkomes. São Paulo: Hagnos, 2023.

MOURA, Rogério L. **A Cidade de Ugarit**: Contribuições para o Estudo da Religião do Antigo Israel. NURES: Publicação Eletrônica do Núcleo de Estudos Religião e Sociedade da PUC-SP. São Paulo, ano 12 n. 32, p. 01-20, 2016. Disponível em:
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/28747/20212>>
Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

FRIZZO, Antônio C. A Província de Yehud. In: NAKANOSE, Shigeyuri et al. **Uma história de Israel**: Leitura crítica da Bíblia e arqueologia. São Paulo: Paulus, 2022.

PEETZ, Melanie. **O Israel bíblico** – História – arqueologia – geografia. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2022.

REIMER, Aroldo. **Inefável e sem Forma**: Estudos sobre monoteísmo hebraico. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2009.

RÖMER, Thomas. **A Origem de Javé: O Deus de Israel e seu nome.** Trad. Margarida Maria Chichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2016.

ROPS, Daniel. **História sagrada do povo de Deus.** Trad. Emérico da Gama. São Paulo: Cultor de Livros, 2021.

ROSSI, Luiz A. S. **Deus se revela em gestos de solidariedade.** São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, João B. R. **Ugarit (Ras Shamra):** Culturas y sociedade mediterrâneas. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/viewFile/1037287/8408>>

Acesso em: 21 de fevereiro de 2023.

SCHLAEPFER, Carlos F.; OROFINO, Francisco R.; MAZZAROLO, Isidoro. **A Bíblia** – Introdução historiográfica e literária. Petrópolis: Vozes, 2004.

TERRA, João E. M. **O Deus dos Semitas.** São Paulo: Loyola, 2015.